



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Adriana Paula Nunes Siqueira Klausen

O ENSINO DE ARTES VISUAIS:
Algumas possibilidades na aprendizagem da arte em alunos com
necessidades educativas especiais

Porto Alegre
2013

Adriana Paula Nunes Siqueira Klausen

O ENSINO DE ARTES VISUAIS:

Algumas possibilidades na aprendizagem da arte em alunos com
necessidades educativas especiais

Trabalho de Conclusão apresentado à
Comissão de Graduação do Curso de Artes
Visuais – Licenciatura em Artes Visuais do
Instituto de Artes da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, como requisito parcial e
obrigatório para obtenção do título de
Licenciatura em Artes Visuais.
Orientadora: Profa. Dra. Umbelina Barreto

Porto Alegre
2013

Adriana Paula Nunes Siqueira Klausen

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS:
Algumas possibilidades na aprendizagem da arte em alunos com
necessidades educativas especiais**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, em 09 de janeiro de 2013.

Profa. Dra. Umbelina Barreto – Instituto de Artes/UFRGS – Orientadora

Prof. Dr. Celso Vitelli – Instituto de Artes/UFRGS – banca examinadora

Profa. Dra. Carla Vasques – Faculdade de Educação/UFRGS – banca examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, ao meu esposo Roberto que muito me incentivou, ao meu querido filho Paulo, aos meus pais que sempre acreditaram em mim.

Gostaria de agradecer a minha orientadora Profa. Dra. Umbelina Barreto pela paciência e dedicação e aos meus professores da banca Prof. Dr. Celso Vitelli e Profa. Dra. Carla Vasques por terem aceitado o convite e por suas colaborações.

Agradeço também a Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Elyseu Paglioli pelo modo fraterno que me acolheu possibilitando experiências para a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço ao Prof. Ernani Chaves por sua generosidade em ceder sua turma e dividir seus métodos pedagógicos proporcionando trocas de saberes.

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensina-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de experiência feito que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço. (FREIRE, 1996, p.116)

RESUMO

O presente estudo refere-se ao Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e aborda alguns aspectos do ensino de Artes Visuais na Escola Básica, enfatizando a sua contribuição nos processos educacionais focalizando, principalmente, alunos com necessidades educativas especiais. O texto traz experiências e reflexões sobre o ensino e aprendizagem da Arte dentro da perspectiva da atual escola inclusiva, buscando também as contribuições positivas que têm sido realizadas na escola especial. Apresenta-se um breve histórico da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Prof. Elyseu Paglioli (EMEEFPEP), os projetos de arte e o desenvolvimento das aulas ministradas pelo professor/artista/pesquisador Ernani Chaves onde se verifica que a Arte tem sido a principal aliada para o desenvolvimento de seus alunos no sentido da construção de sua autonomia. Descreve-se parcialmente a experiência do estágio docente do curso de Licenciatura em Artes Visuais realizado na EMEEFPEP, evidenciando a receptividade e participação dos alunos, enfocando ainda alguns resultados do projeto executado em sala de aula, em que se utilizou a relação da arte e as novas tecnologias como possibilidade de desenvolvimento cognitivo aliado à construção da percepção na educação inclusiva. Faz-se também uma breve reflexão sobre a formação do professor de artes visuais frente à educação inclusiva, discutindo sobre o papel do professor em sala de aula no contexto das mudanças culturais e dos desafios da escola atual diante desta nova escola que se molda a partir da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais. Necessidades Educativas Especiais. Educação Inclusiva. Cognição e Percepção. Novas Tecnologias.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 ENCONTRANDO UM CAMINHO.....	8
3 CONSTRUINDO UM CAMINHO: sobre o ensino de artes visuais e a inclusão	11
3.1 A EXPERIÊNCIA DA ARTE: na Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Prof. Elyseu Paglioli – EMEEFPEP	15
3.1.1 Conhecendo a escola	17
3.1.2 Projetos de arte na escola	19
3.1.3 Conhecendo uma proposta da escola: sobre o desenvolvimento das aulas de artes do Prof. Ernani Chaves	22
4 ENSINO E APRENDIZAGEM DA ARTE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	27
4.1 ENCONTRANDO NOVOS CAMINHOS.....	31
4.2 A ARTE E AS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	33
5 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTES VISUAIS	38
6 AS MUDANÇAS CULTURAIS E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	43
6.1 UM BREVE PERCURSO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	45
6.2 DESAFIOS DA ESCOLA ATUAL FRENTE À INCLUSÃO ESCOLAR.....	50
6.3 ACESSIBILIDADE: Materiais Didáticos e Ferramentas.....	53
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

O trabalho tem como objetivo trazer algumas discussões sobre o ensino e aprendizagem dos alunos da Escola Básica, enfocando, principalmente, alunos com necessidades educativas especiais, abordando a especificidade da área de Arte-Educação¹ no que se refere ao ensino de Artes Visuais, a partir da experiência do Estágio de Docência do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Ao trazer uma reflexão sobre a educação inclusiva e seus desafios, salienta-se a importância da disciplina de Artes Visuais no currículo escolar, e se enfatiza o fato de a mesma possibilitar um desenvolvimento perceptivo e cognitivo ajudando no entendimento das outras disciplinas contribuindo para um aprendizado que, também se aproxima da realidade do aluno e de seu contexto de vida.

O trabalho está estruturado em seis capítulos. Na sequência do texto, no segundo capítulo, é focado o caminho percorrido até se chegar à escolha do tema evidenciando o atual interesse pelo assunto.

No terceiro capítulo aborda-se a importância do ensino de artes visuais, priorizando e valorando a arte como um conhecimento essencial, principalmente, para alunos com necessidades educativas especiais. Focaliza-se o desenvolvimento das aulas de artes visuais ministradas na Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli, também nomeada neste trabalho pela sigla EMEEFPEP, pelo professor e artista visual Ernani Chaves, que trabalha, simultaneamente, a multiplicidade de ser professor/ artista/ pesquisador com seus alunos, em que se mostra o lado prazeroso e significativo do trabalho realizado na escola. Ainda, nesse capítulo é apresentada a EMEEFPEP, na perspectiva da arte-educação e a importância desse contexto educacional no desenvolvimento dos alunos com necessidades educativas especiais.

No quarto capítulo trata-se especificamente sobre o ensino e aprendizagem da arte para alunos com necessidades educativas especiais procurando explicitar alguns fatores que influenciam no ensino e na aprendizagem, buscando refletir sobre esses fatores. O capítulo também se refere às novas tecnologias exemplificando o que se pode construir com os alunos ampliando as possibilidades da aprendizagem. Um breve relato da experiência no estágio expõe a compreensão sobre o que se percebe como alguns benefícios que a tecnologia pode proporcionar a alunos com necessidades educativas especiais.

¹ Segundo Frange (2008, p. 45): Arte-Educação surge na tentativa de conectar Arte e Educação, por isso a razão do hífen e até mesmo no intuito de, com essa junção, resgatar as relações significativas entre a Arte e a Educação.

O quinto capítulo objetiva trazer questões e reflexões sobre a formação do professor de artes visuais e a necessária formação continuada deste profissional, para que o mesmo esteja qualificado e preparado para a sala de aula, podendo, desta forma, atender às necessidades de seus alunos na perspectiva de uma educação inclusiva.

O sexto capítulo aborda as mudanças culturais e a educação inclusiva, constituindo-se de um breve histórico do percurso da educação inclusiva, trazendo reflexões sobre os desafios da escola atual frente à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais. Questões como acessibilidade e materiais didáticos também são abordadas no decorrer do capítulo. Em síntese, a intenção é trazer à luz alguns questionamentos e reflexões sobre o professor de artes visuais e a educação inclusiva finalizando com breves considerações finais em que se manifesta, a partir de todo o desenvolvimento do texto a necessidade de cooperação entre os profissionais envolvidos com alunos com necessidades especiais e se reitera a importância da arte nesse processo de mudança, em que toda a Escola Básica se torna uma escola inclusiva, utilizando-se para isso a própria mudança ocorrida no ensino de Artes Visuais na relação com as novas tecnologias que torna visível a construção da percepção aliada à cognição.

2 ENCONTRANDO UM CAMINHO

Minha formação acadêmica constitui-se da mescla entre duas instituições federais, a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nas quais tenho trilhado meu caminho para chegar à escolha atual, definindo a educação inclusiva como tema principal desse projeto de conclusão de curso.

Desde que tomei a decisão de fazer vestibular para o Curso de Graduação em Artes Visuais, pensava em como eu poderia através da arte ajudar pessoas com problemas psiquiátricos e crianças com necessidades especiais. Para mim, tornou-se importante poder contribuir de alguma forma com essas pessoas utilizando a arte.

Na disciplina de Desenho Gráfico na FURG, pela primeira vez, pude manifestar através de um cartaz minha preocupação em relação à educação das crianças com necessidades educativas especiais, indagando “O que é educação inclusiva?”, o que era ainda uma incógnita para mim.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul me proporcionou um currículo mais aberto e com isso a possibilidade de fazer a disciplina de “Intervenções Pedagógicas e Necessidades Educativas”. Nela pude vivenciar uma interação com outras áreas do conhecimento, tendo com meus colegas licenciandos uma experiência de interdisciplinaridade que ainda não havia tido. Com essa disciplina discutimos e executamos um trabalho em grupos que envolvia diferentes áreas do conhecimento, no desafio de interligar as áreas com um mesmo tema sem esquecer o objetivo, que era o acolhimento de uma aluna com paralisia cerebral em uma escola inclusiva como uma construção de caso fictício.

Foi uma experiência que rendeu frutos maravilhosos, pois conversar e executar uma proposta de aula, na qual as disciplinas deveriam dialogar foi muito importante para a minha formação, além de compartilhar os exemplos dos outros colegas, que também foi muito significativo.

Minha caminhada estava apenas começando, pois consegui também uma bolsa no Programa de Popularização da Ciência, no qual o trabalho era realizado dentro do Hospital Psiquiátrico São Pedro, conseguindo assim contemplar um de meus interesses.

Uma das atividades realizada foi a catalogação das obras da oficina de criatividade, em que quatro internos do hospital fazem parte dessa catalogação, dentro do projeto “Catalogar Para Não Esquecer: imagens da loucura no Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro”, sendo que, apenas um destes internos ainda está vivo. Neste projeto estavam sendo digitalizados os documentos referentes à vida dos internos, considerados pelo grupo de pesquisadores como “artistas”: Natália Leite, Luiz Guides, Frontino Vieira e Cenilda

Ribeiro, para posteriores pesquisas entre as diversas áreas do conhecimento e do público em geral, pois este acervo torna-se um importante arquivo de memória social.

Ver as obras realizadas pelos internos foi muito emocionante, todos se expressavam de maneiras distintas, mas todas as obras continham muita vida, eram tantos gestos traduzidos em pinceladas coloridas, vivências da infância desenhadas no papel, que ali não havia loucura, pois a lucidez daquelas imagens, a textura, as cores, os traços e as formas traziam à tona um artista, um artista que estava consciente e concentrado em sua obra.

Tive o prazer em conhecer a Oficina de Criatividade do hospital e pude verificar que outros pacientes, que frequentavam a oficina se sentiam realizados, e obtiveram melhoras em seu quadro clínico. Há um atendimento entre profissionais da área de Psicologia e de Artes, que agem em conjunto, proporcionando aos pacientes um conhecer e fazer artístico, aliados ao tratamento médico.

Aqui a arte mostra mais uma vez que não há diferenças, que ela elimina barreiras e constrói novas perspectivas para a abordagem das possibilidades de desenvolvimento humano. Quando vemos um trabalho em uma exposição, como uma pintura, por exemplo, não questionamos seu condicionamento físico ou psíquico, no caso do artista que está expondo, mas sim sua expressividade, suas escolhas pelas cores, seus traços e formas, enfim, tudo aquilo que está envolvido naquela obra. Desta forma, a arte se torna sem fronteiras, sem preconceitos, sem julgamentos e sem exclusão, acolhendo a todos.

Continuando minha caminhada, na etapa final do curso, para a realização do estágio optei por uma escola atual inclusiva e uma escola especial, pois queria muito poder trabalhar com os alunos com necessidades educativas especiais. Estar estagiando nessas duas escolas, poderia me fazer refletir sobre essa nova escola que surge, a escola inclusiva.

Resolvi aplicar o mesmo projeto nas duas escolas, pois nas observações verifiquei ser viável trabalhar com todos os alunos o projeto de animação, em que propunha a compreensão da imagem–movimento a partir da construção da animação quadro-a-quadro, sabendo que poderia haver algumas dificuldades dos alunos no percurso da atividade.

Trabalhar com tecnologia seria muito bom para ambas às escolas, pois na escola atual inclusiva os alunos não haviam feito nenhum trabalho com fotografia, ou montagem de vídeos, pois o que verifiquei foi que apenas executavam tarefas com atividades tradicionais de desenho e pintura. Por outro lado, os alunos da escola especial tinham um bom desenvolvimento, porque o professor que ministra as aulas de artes na escola vem fazendo um trabalho contínuo ao longo de três anos, propiciando aos alunos uma crescente interação e integração com a arte, tendo facilitado a aplicação do meu projeto de animação por meio da técnica do *Stop Motion*.

Minha pergunta lá no primeiro cartaz realizado na disciplina na FURG era “O que é educação inclusiva?” e através das observações e da prática que realizei em sala de aula durante o estágio percebo que tenho conseguido responder parcialmente meus questionamentos, mas também tenho levantado novas questões.

As respostas que tenho construído evidenciam que a arte se faz necessária para o ser humano, e ela, muitas vezes, substitui aquilo que gostaríamos de falar, e isto pode ser percebido desde as primeiras pinturas nas cavernas, quando não havia a escrita para a comunicação através das palavras. Penso que talvez com os desenhos consiga-se compreender e aprender o que nossos antepassados vivenciaram.

Vejo que a arte é libertadora, renovadora, efêmera, nostálgica, além de ser política, crítica, é parte da história de todos nós, mostrada através dos séculos pelos artistas e as suas técnicas que foram manifestadas nos diferentes períodos da História da Arte, nas mais variadas culturas e costumes dos povos do mundo inteiro.

Os livros de História estão recheados de imagens, muitas delas são obras de arte, que nos ajudam a compreender aquele determinado período histórico, assim a arte se mostra como um objeto concreto de um determinado assunto, proporcionando de alguma forma voltar ao passado e aprender através das obras daqueles artistas nossa própria história, a história de todos os seres humanos.

Através das pinturas, esculturas, fotografias e vídeos feitos ao longo da história pelos artistas, consegue-se ver e perceber atitudes, culturas, costumes, indumentárias, instrumentos musicais, representados pelos mais variados povos, tornando-se a arte uma aliada no conhecimento de história geral.

Tenho como continuidade de meu caminho a realização de uma especialização em educação especial, para poder atender com uma melhor qualidade os alunos com necessidades especiais nessa escola atual que começa moldar seu perfil dentro de um sistema inclusivo.

Minha formação acadêmica foi um incentivo a mais pelo meu despertar para o atendimento de alunos com necessidades especiais, entretanto considero que ainda não foi suficiente para o atendimento dessas crianças. Além disso, pretendo fazer uma especialização em Arteterapia, pois esse campo também me atrai. A experiência no hospital psiquiátrico ascendeu ainda mais meu desejo de trabalhar com pessoas com deficiência mental.

Acredito que a educação através da arte possa ajudar no desenvolvimento de todos os alunos, ajudar nas reflexões dos acontecimentos de nossa sociedade, construindo uma sociedade mais crítica, com um novo perfil não somente de aluno, mas de um futuro cidadão que saiba sobre seus direitos e que possa valorizar, respeitar sua cultura e a dos outros povos.

3 CONSTRUINDO UM CAMINHO: sobre o ensino de artes visuais e a inclusão

A arte se constitui em “um dos fatores transformadores de nossas vidas. Ela funciona como uma alavanca que impulsiona e revigora, proporcionando prazeres, ascendendo emoções e sensações” (SILVA, 1999 apud OLIVEIRA, 2010, p. 259).

Verifica-se que, na atualidade, o professor trabalha com a inclusão em sua sala de aula, e a arte se torna uma importante interlocutora, além de ser uma janela para a visibilidade do percurso do desenvolvimento do aluno. Ao envolver os alunos com a produção artística, a arte pode operar com as percepções, possibilitando o desenvolvimento de diversas potencialidades, tais como: a observação, a imaginação, e a compreensão tátil do mundo. Ao construir o conhecimento artístico com os alunos, o professor também possibilita as trocas entre os mesmos, promovendo a aproximação do colega semelhante, bem como do colega diferente, ao buscar as significações na construção de sentido do mundo da natureza e da cultura e ao trabalhar a sensibilidade, evocando a empatia e a abertura ao outro.

Conforme Camargo (1989)

A arte é uma atividade integradora da personalidade. Fazendo arte, a pessoa usa seu corpo, sua percepção, seus conceitos, sua emoção, sua intuição – tudo isso em uma atividade que não a divide em compartimentos, mas, ao contrário, integra os vários aspectos da personalidade. (CAMARGO, 1989, p. 14).

Dessa maneira, evidenciando esta afirmação do autor que confirma a arte como uma atividade integradora, acredita-se que a arte pode ajudar os alunos com necessidades educativas especiais também no desenvolvimento cognitivo, possibilitando a ampliação do entendimento e a compreensão relacionada ainda aos conteúdos das outras disciplinas.

A arte, desenvolvida através de materiais e técnicas, ajuda os alunos a trabalhar sua subjetividade inserindo-os em seu meio cultural, possibilitando desenvolver suas capacidades perceptivas. Dessa forma, através dos sentidos trabalhados no envolvimento com a proposta executada em sala de aula, o aluno poderá fazer também uma leitura de seu meio, apropriando-se de seu entorno de uma forma concreta, visando à expansão destes conhecimentos para o restante das outras disciplinas.

É importante pensar na valorização da sensibilidade, das experiências que nos ocorrem (como professores e também aos nossos alunos), como uma forma de aprendizagem na construção do conhecimento, aliando nosso cotidiano aos ensinamentos científicos, para que se possa trabalhar o entendimento da vida ao lado desses conteúdos. A sensibilidade que esta

sendo tratada aqui é vista como o desenvolvimento dos sentidos, e articula-se diretamente à percepção, relacionando o sentir e o pensar, e não como o sentido único da emoção humana separada do pensamento.

Pensando sobre isto, na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, pode-se articular a aprendizagem em três eixos de experiência para preservar a possibilidade de viver a arte na escola, nos quais temos o fazer, o apreciar e o refletir, contextualizando a produção e desenvolvendo a apreciação crítica da obra de arte.

Barbosa (2008b) comenta que:

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2008b, p. 18).

No fazer tem-se o desenvolvimento do percurso criador cultivado no estudante em oficinas em que se trabalha o fazer artístico; no apreciar, trabalha-se o desenvolvimento da competência de leitura e o desfrutar das próprias imagens realizadas, das imagens da arte, das realizadas por outros e das imagens do universo natural; e, na reflexão sobre a arte, busca-se o desenvolvimento dos contextos presentes nas imagens, a partir de teorias relacionadas à educação ou próprias da arte, provocando uma interação com fontes informativas e informantes em que se faz a reflexão sobre a arte e sobre o papel da arte na educação.

Conforme Barbosa (2008a):

A arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. (BARBOSA, 2008a, p. 99).

O texto da autora mostra como a arte permite uma construção do pensar, tanto na maneira como o aluno se expressa, como nos materiais que são escolhidos, que ajudam na materialização da ideia, para então formar, inicialmente, o objeto, e evidenciando a expressão e a materialidade como constitutivas, vindo a colaborar para o desenvolvimento nos processos cognitivos.

Através da valoração da experiência em arte, a mesma viabiliza que os alunos tenham uma ligação e comunicação com o mundo por meio de seus sentidos, e, acredita-se que com a mediação do professor, este pode propiciar a construção da percepção e conceituação própria daquilo que está sendo trabalhado/ exposto. Assim, a partir deste desenvolvimento perceptivo, que também funciona como uma mediação, os alunos conseguem fazer sua própria leitura de

mundo, transformando os textos e as imagens trabalhadas em sala de aula em trabalhos criativos, que passam a fazer sentido para eles integrando-se ao seu cotidiano.

A arte revela sentidos para a leitura do cotidiano, ajuda na compreensão das ideias sobre o convívio social, criando um novo sentido ao que já existe, abrindo possibilidades para a imaginação criadora, transcendendo a realidade, alterando-a, modificando-a.

Vive-se em um mundo em que se está cercado por imagens, que proporcionam múltiplos estímulos visuais. As revistas, jornais, televisão e a internet que fazem circular as imagens nos lugares mais distantes, aproximam tudo de todos. Essas diferentes imagens podem modificar a compreensão sobre nosso meio, contribuindo para formar ideias sobre as diferentes culturas, sobre os lugares, próximos e distantes, e sobre nós mesmos.

As imagens possuem interpretações, pois são formas estruturadas a partir de certa cultura, uma ideologia, e as aulas de artes visuais podem contribuir para um desenvolvimento e apropriação crítica dessas imagens.

A questão das imagens dentro da sala de aula se faz necessária, pois ter o conhecimento das imagens que circulam na mídia e na arte, se torna importante para os alunos, que passam a conhecer e reconhecer essas imagens, elaborando múltiplos sentidos relacionados a sua própria vida. Como mediadores dessas informações, nós professores devemos ajudar os alunos a processar essas informações e transforma-las, ressignificando-as, trazendo para o contexto do seu meio, proporcionando assim, um pensar crítico sobre aquilo que nos rodeia.

Considera-se que o sistema escolar algumas vezes torna a sensibilidade secundária, mas acredita-se que a escola deve repensar o seu papel na educação, considerando que nas artes cênicas, na música e nas artes visuais os alunos conseguem desenvolver de uma forma ampla e significativa as suas capacidades cognitivas e motoras, tendo essas linguagens um potencial que poderão vir a promover um estado prazeroso para os alunos. A arte é capaz de sensibilizar, educar e criar vínculo com o outro.

Nesse sentido, Fonseca (1995) resgatando Vigotsky no que se refere à origem social do desenvolvimento humano, ao tratar da educação especial, explica que:

Para Vygotsky, o desenvolvimento humano é muito mais do que a simples e pura formação de conexões reflexas ou associativas ou apenas a formação de sinapses. Para este autor, o desenvolvimento humano tem origem social, envolve, portanto, uma interação e uma mediação qualificada entre os elementos da sociedade (mãe-filho, pai-filha, educadora-criança, professor-aluno, líder-liderado, etc.). (FONSECA, 1995, p. 94).

Acredita-se que esta origem social do desenvolvimento humano trazida por Vigotsky está diretamente relacionada com a Arte, pois se compreende que a criação de uma obra de

arte não se resume na utilização de alguma linguagem (pintura, desenho, escultura...) tão pouco de um domínio técnico, pois para criar uma forma, precisa-se da reflexão, de um pensamento e conhecimento do objeto, criando uma primeira comunicação com o meio. E na Arte dentro da sala de aula, as linguagens ajudam a transformar as ideias em formas visuais, articulando o pensamento e a ação/ fazer, gerando novas atitudes e compreensões.

A sala de aula é um espaço de criação que poderá estar bem estruturado a partir de propostas pedagógicas artísticas que ultrapassam a especificidade do universo da arte e possibilitam aos alunos criar suas próprias soluções para diversos problemas, ajudando na formulação de novos questionamentos, e novas hipóteses, revendo e ressignificando suas percepções e visões do mundo.

A criação em sala de aula é articulada na interação dos saberes dos alunos, dos professores, das culturas e do entorno. Na escola recebem-se alunos de diferentes culturas, tradições, e sendo assim, é necessário entender as diferenças para poder respeitar essas diferentes culturas, pois a cultura pessoal não é abandonada pelo aluno ao ingressar no universo escolar, e pode-se utilizar esta articulação, para tornar significativa a construção do conhecimento, fazendo-o repercutir na cultura própria do meio do aluno.

Em relação à necessidade da cultura construída pela escola, Barbosa (1991), afirma que:

Sem conhecimento da arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos. (BARBOSA, 1991, p. 33).

Por outro lado, Vygotsky e Barbosa (1991) também se aproximam quando falam que a intervenção educativa tem o objetivo de promover o desenvolvimento potencial do aluno a partir do seu desenvolvimento prévio, real, o qual favoreceria sua interação com os objetos socioculturais. E acredita-se que a escola poderá ajudar os alunos, propiciando novos horizontes, estimulando o pensamento crítico para poder criar novas perspectivas, novos conceitos sobre o mundo.

A escola também se torna importante para esses alunos, assumindo um papel de mediadora dessa educação, através do acesso à informação artística para toda a comunidade escolar, proporcionando o espaço, a produção, e estendendo essa produção para fora da escola, procurando parcerias com instituições que compartilhem com este pensar artístico. Um pensar que renova, motiva e valoriza todos os alunos, sem excluir, mas incluindo e, por vezes, focalizando especialmente os alunos com necessidades especiais. Quando os mesmos

possuem uma base e um aporte do docente em artes e da comunidade escolar, há um crescimento individual que contribui ainda para a ampliação do crescimento coletivo.

Porém é necessário se manter uma posição crítica quanto ao sistema escolar, pois este parece adotar uma postura que com frequência reforça os estereótipos, as reproduções pré-fabricadas pela mídia, esquecendo qual o papel da educação, e, principalmente da arte, que é também ser mediadora, ajudando todas as crianças a refletir, ter pensamentos críticos e deixar que sua criatividade seja exposta e valorizada nesta construção do pensamento.

A arte tem um importante papel na escola, para todos os alunos, principalmente na escola inclusiva da atualidade, pois possui características que incluem as dimensões educacionais e contribuem com as políticas inclusivas, possibilitando novos instrumentos pedagógicos para os professores.

Através da arte o professor é capaz de educar, emocionar, sensibilizar e fazer com que os alunos façam uma reflexão sobre o conhecimento, incluindo a si próprios e o seu desenvolvimento. A arte torna-se um território neutro, isto é, quando se tem uma obra, esta é analisada e apreciada como produto, não importando a condição física ou cognitiva de quem o elaborou. Neste momento, a partir deste território do objeto artístico, a arte torna-se o principal instrumento de inclusão que se tem, superando todos os preconceitos.

Dentro desta perspectiva de construção da valoração da arte na escola inclusiva, evidencia-se a importância da arte na Escola Municipal Especial de Ens. Fund. Prof. Elyseu Paglioli, enfocando o desenvolvimento dos alunos tendo como referência os projetos realizados na escola, que ultrapassam os seus muros e possibilitam a interação e integração com a comunidade do entorno através de diversas modalidades artísticas como as artes visuais, a música e o teatro.

3.1 A EXPERIÊNCIA DA ARTE: a Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Prof.

Elyseu Paglioli – EMEEFPEP

A arte constitui uma forma ancestral de manifestação, e sua apreciação pode ser cultivada por intermédio de oportunidades educativas. Quem conhece arte amplia sua participação como cidadão, pois pode compartilhar de um modo de interação único no meio cultural. Privar o aluno em formação desse conhecimento é negar-lhe o que lhe é de direito. A participação na vida cultural depende da capacidade de desfrutar das criações artísticas e estéticas, cabendo à escola garantir a educação em arte para que seu estudo não fique reduzido apenas à experiência cotidiana. (IAVELBERG, 2003, p. 9).

Descobri através das observações para o estágio de docência que as artes têm um papel fundamental na Escola Municipal Especial de Ens. Fund. Prof. Elyseu Paglioli. Nesta escola há sempre atividades que envolvem o teatro, a dança e as artes visuais. Toda a comunidade é convidada para participar das atividades, tanto para ajudar a construí-las como para assistir o que foi programado por professores e alunos.

Os alunos participam da vida cultural da cidade, pois quando há alguma exposição de arte na cidade os alunos fazem uma visita ao local da exposição. A programação da experiência de aprendizagem pode dar-se de dois modos distintos: os professores de arte visuais realizam a visita e depois fazem um trabalho que envolva uma reflexão sobre a aprendizagem dos alunos, entretanto também pode ocorrer o inverso, ou seja, primeiro os professores trabalham o conhecimento do artista e depois os alunos visitam a exposição.

Com frequência a escola procura gerar uma integração com a comunidade, convidando-a para participar do núcleo escola/ comunidade, e assim proporcionando aos seus alunos uma interação com o meio, possibilitando uma socialização e aproximação dos alunos com a realidade. Verifica-se que estas atividades ajudam a desmitificar as crianças com necessidades especiais, pois os estigmas que ainda sofrem podem ser derrubados quando a comunidade vê os alunos produzindo, e interagindo com o outro, através da dança, da criação e da interpretação.

No Projeto Político Pedagógico da escola está colocado que as parcerias e a proposta inclusiva através da arte têm proporcionado aos estudantes interagir e construir espaços de aprendizagem ampliando as trocas em sala de aula. Neste sentido, a arte na escola aposta nas possibilidades da criação, independente da condição do sujeito e de suas necessidades especiais, mostrando-se um instrumento pedagógico precioso não só para os aprendizados escolares, como também, para o conjunto das vivências dos alunos.

Acredito que a arte no contexto escolar da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Prof. Elyseu Paglioli tem contribuído para a inserção dos alunos na sociedade, bem como os têm auxiliado ao atuar como um agente organizador visto as necessidades serem diversas e todas elas significativas. Ela perpassa os percursos de trocas de vida, envolvendo afetos e percepções inerentes às condições desses sujeitos e/ ou sua idade. Com isso, a arte se torna a principal mediadora dos processos inclusivos e das formas de aprendizagem, conseguindo romper e ampliar espaços de pertencimento e de apropriação, os quais são fatores importantes na construção da identidade.

Dentro deste contexto de inserção, o autor Fonseca (1995) escreve:

Em nenhuma circunstância se pode privar o deficiente de uma experiência no real, pois todas as experiências servem para aligeirar a predisposição ao isolamento. (FONSECA 1995, p. 9).

O autor completa dizendo que cabe aos pais a superação de culpas biológicas e propõe aos mesmos uma criação de experiências de vida que viabilizem a estimulação adequada que possibilite uma maximização do ajustamento social da criança.

É importante ainda se acrescentar à afirmação do autor dizendo que não somente os pais podem proporcionar e viabilizar esses caminhos, mas a escola também, que através das artes pode potencializar e construir vias de acesso à socialização de alunos com necessidades especiais. É certo que à escola deve caber o papel de multiplicadora de ideias, realizando e propondo projetos que possibilitem ligações com a comunidade escolar e com a comunidade do entorno, construindo possibilidades de reconhecimento de autoria e autonomia de seus educandos, tal como se verificou que acontece na Escola Elyseu Paglioli.

Observou-se que os arte-educadores da Escola trazem para a sala de aula o contexto dos alunos, o meio ao qual pertencem, procurando transformar esses conhecimentos do cotidiano ressignificado-o em trabalhos que estimulem o olhar reflexivo, na tentativa de construir um olhar estético que possibilite o desenvolvimento de um aluno que possa criticar e ouvir críticas de seus colegas, em uma troca construtiva.

Conforme Iavelberg (2003):

O próprio contexto educativo pode gerar conteúdos com a inclusão das culturas locais nos planejamentos escolares. A escola não deve isolar-se das culturas de suas comunidades nem privar o aluno do acesso aos conteúdos universais, pois, se o fizer, correrá o risco de esses alunos preferirem a vida extraescolar. A interação da escola com as famílias e com as instituições fortalece a identidade dos seus agentes educativos que desenvolvem projetos culturais. (IAVELBERG 2003, p. 22).

Verificou-se que a Escola Elyseu Paglioli, juntamente com os professores arte-educadores, trabalha com uma perspectiva significativa no contexto da educação especial, porque juntos abrem um novo diálogo mais próximo da realidade dos alunos, sem prescindir do compromisso de uma inserção dos mesmos nos espaços culturais de nossa sociedade.

3.1.1 Conhecendo a escola

A Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli, tem seu Projeto Político Pedagógico formulado de uma maneira clara, assim, explicita-se o funcionamento da escola com suas concepções e organização tendo como referência esse documento, o qual tem servido para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli, foi fundada em 1988 e se localiza na Rua: Butuí nº 221, no bairro Cristal em Porto Alegre. É a primeira escola municipal da cidade destinada a atender alunos com deficiência mental. Faz parte do contexto da escola as narrativas do período de sua fundação, em que se conta sobre os protestos contra a sua fundação, em que a comunidade do bairro manifestou o desejo de não ter nas proximidades uma escola para “anormais”, definindo claramente a forma pejorativa e preconceituosa como a comunidade se pronunciou, justificando ainda uma preocupação econômica, pois que esta presença poderia ocasionar uma desvalorização de seus imóveis.

Porém, com o projeto desenvolvido pela escola ao longo desses anos desde a sua fundação, conseguiu-se mudar a opinião desta comunidade, conquistando seu espaço, pois se mostrou sempre uma escola preocupada com seus alunos e com a comunidade do entorno. Através das manifestações artísticas dos alunos que convidam a comunidade à apreciação e participação nos eventos, buscam um ambiente de integração, confraternização e aproximação entre escola e comunidade.

A escola iniciou em 1995 um projeto de inclusão que apresentava os complementos curriculares, abrindo a escola aos alunos das outras escolas regulares e também para a comunidade em geral, unindo estudantes com e sem deficiência, o que foi efetivado no ano de 1996 na etapa do Primeiro Ciclo de desenvolvimento escolar.

O corpo de profissionais existente na escola atende atualmente a 156 alunos, e conta com 37 profissionais, divididos entre direção, vice-direção, coordenação pedagógica, orientação educacional, coordenação cultural, 5 monitores, 4 funcionários da limpeza e manutenção, 5 funcionários na equipe de nutrição (Técnica de Nutrição, 1 cozinheira e auxiliares) e 2 estagiários no ambiente informatizado.

Foi realizada uma pesquisa sócio-antropológica no ano de 1997, na qual foi mapeada a realidade da comunidade escolar, tendo os seguintes resultados: famílias sem a presença do pai; poucas referências quanto à escolaridade dos pais; na maioria dos casos as mães apresentaram escolaridade superior à do pai; as tarefas de cuidados com os filhos sendo realizadas pelas mães; são poucas as atividades de lazer; dificuldades da família em discutir sobre as questões da sexualidade de seus filhos, e até mesmo negando a existência dela.

Em 2002 foi realizada a seguinte pergunta aos pais: “O que esperas da escola Elyseu Paglioli?” Nas respostas, o desejo dos pais que mais se destacou, foi que seus filhos aprendessem nessa escola e por consequência, se alfabetizassem. Porém, também expressaram que seus filhos não eram iguais as demais crianças e adolescentes de nossa sociedade e que,

sendo assim, os professores deveriam ter mais paciência com eles, pois os mesmos não atendem ordens como as outras crianças.

Além destas colocações, destacam-se as seguintes temáticas: a segurança, diálogo, estrutura organizacional, comunicação, nutrição, estrutura pedagógica, socialização e autonomia.

Os alunos matriculados na escola possuem particularidades como: deficiência mental, transtornos do desenvolvimento, paralisia cerebral, atrasos do desenvolvimento, transtorno neuropsicomotor, prematuridade, doenças metabólicas, hiperatividade, deficiências múltiplas, autismo e distúrbio de atenção.

As crianças com deficiências múltiplas, como deficiência mental associada à lesão cerebral, à deficiência física, visual e auditiva; necessitam de uma atenção diferenciada, o que tem exigido da instituição, recursos humanos especializados e modificações na infraestrutura definida inicialmente.

A escola EMEFPEP apresenta um espaço de aprendizagem que acontece de múltiplas formas, a organização do espaço e tempo atende à legislação vigente, considerando o respeito às possibilidades e interesses de cada aluno.

Por se tratar de uma escola de ensino fundamental, possui uma carga horária mínima de 200 dias letivos, com 800 horas anuais, porém, sendo uma escola de ensino fundamental especial, oferece tempos diferenciados, conforme a possibilidade de cada sujeito, respeitando o direito à educação como está assegurado no Estatuto da Criança e do Adolescente.

A escola também desenvolve um Programa de Trabalho Educativo (PTE). Este programa é uma estratégia educacional em que busca promover uma relação direta do aluno aprendiz com o mundo do trabalho.

3.1.2 Projetos de arte na escola

Aprender ou ensinar é criar ou ressignificar arte no contexto didático; por isso; é necessário que o aluno viva arte na escola. (IAVELBERG, 2003, p. 40).

A base curricular da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli contempla as áreas do conhecimento tendo a Educação Física, Educação Artística e Multimeios como componentes curriculares especializados, ocorrendo também os Complementos Curriculares como Música, Dança, Jogos Teatrais, Fotografia e Artes Plásticas, que, tanto os alunos da escola quanto os alunos da comunidade, participam no turno inverso ao horário da aula.

A instituição desenvolve desde 1996, o “Projeto de Integração”, no qual as crianças da comunidade, em idade pré-escolar sem deficiência, participam das propostas pedagógicas da etapa de desenvolvimento escolar do I Ciclo durante o ano letivo.

Com este projeto a escola tem como princípio demonstrar que é possível conviver, estudar, trabalhar e aprender com as diferenças, proporcionando novos desafios e permitindo acolher as diferenças, e as singularidades de cada sujeito.

Na etapa de desenvolvimento do II e III Ciclos são desenvolvidos os complementos curriculares, estendendo o espaço escolar especial aos estudantes das escolas regulares e para a comunidade em geral, proporcionando uma integração entre os alunos com deficiência e os alunos sem deficiência. Esses complementos são realizados em turnos opostos ao do ensino fundamental, abarcando as diversas linguagens artísticas.

Em 13 anos de existência dos complementos curriculares, o eixo norteador tem sido as expressões artísticas. A cada ano há uma procura e renovação de alunos sem deficiência com idade entre 10 a 14 anos com interesse nos Complementos Curriculares oferecidos pela escola. Com esta constante procura e renovação que a escola possibilita para essa comunidade, consegue, desta forma, viabilizar a circulação, a mudança de perspectiva de familiares e as ideias no espaço escolar.

As atividades dos complementos iniciam em março e terminam em dezembro, com encontros de uma a duas vezes por semana, conforme a atividade. O Projeto de Inclusão tem conquistado um espaço de reconhecimento diante da comunidade, em que são apresentados os trabalhos executados no período letivo para a comunidade em geral sendo apreciados por todos.

Dessa maneira, a escola, para a maioria desses alunos e familiares, tem se transformado em um canal de acesso à arte, pois, devido às condições socioeconômicas, não poderiam, de outra forma, ter um contato com a mesma, assim, a escola consegue promover uma democratização da arte através de seus projetos.

Barbosa (1991) explica que:

A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação. Isto não é desejável, mas essencialmente civilizatório, porque prazer da arte é a principal fonte de continuidade histórica, orgulho e senso de unidade para uma cidade, nação ou império, disse Stuart Hampshire alguma vez em algum de seus escritos. (BARBOSA 1991, p. 33).

É importante destacar alguns complementos curriculares que fizeram parte do ano de 2011 para exemplificar o modo de funcionamento desses projetos.

Complemento de Jogos Teatrais: o objetivo deste trabalho foi proporcionar experiências com os jogos teatrais e a partir delas formar coletivamente uma montagem teatral. As referências teóricas são retiradas de pesquisas contemporâneas do teatro educação como, por exemplo, Viola Spolin, Ingrid Koudella e Ricardo Japiassu, assim como as experiências práticas na área teatral da professora responsável.

Complemento de Fotografia: o trabalho com a fotografia utiliza a linguagem como meio de expressão e comunicação, incitando os alunos à produção e expressão através das imagens. A prática também funciona como um instrumento de autonomia, conhecimento, integração, experimentação, representação, estabelecendo vínculos e parcerias de trabalho que ajudam a desenvolver outras qualidades tais como: sensibilidade, percepção, observação, objetividade, espírito de equipe, autonomia e integração com o meio.

Complemento de Artes Visuais: a arte procura trabalhar com a descoberta e redescoberta das possibilidades de cada indivíduo, fazendo com que o mesmo exercite o seu próprio traçado, revelando seu estilo, maneira de desenhar e de expressar o mundo. O aluno mais seguro para criar e inventar consegue organizar cada vez mais as figuras no espaço. O mais importante disto, é que o estudante começa a valorizar sua produção, descobre e amplia suas possibilidades, reconhecendo o seu espaço e respeitando o do colega, nas suas semelhanças e diferenças, na sua maneira de ser e de fazer.

Complemento de Dança: teve como objetivo trabalhar um pouco do patrimônio da produção cultural dos africanos e afros descendentes, especialmente os ritmos e danças de reggae, rap, samba duro, samba de roda, samba rock, pagode, afoxé, maculelê, jongo, congo, puxada de rede, e outros. O complemento de dança pretende desenvolver com os alunos possibilidades e o direito de conhecer a história desta população, que aparece algumas vezes em segundo plano, estereotipada, para uma compreensão, vivência e valorização dessas diversas manifestações artístico-culturais.

Complemento de Contadores de Histórias: esse trabalho pretendeu desenvolver, através das histórias infantis e infanto-juvenis, a fantasia, o lúdico, colocando o aluno enquanto autor de tais movimentos. É trabalhado com os estudantes o teatro de bonecos, desde a construção destes, assim como a manipulação e a criação dos personagens e das histórias.

Durante o ano de 2012 a escola apenas não trabalhou com o Complemento de Contadores de Histórias, tendo trabalhado com todos os demais complementos curriculares.

Buscando qualificar o atendimento à diversidade de alunos com uma carga horária de projetos para sustentar o aluno com dificuldade de adaptação no espaço escolar, o projeto de apoio pedagógico se torna uma ferramenta de grande auxílio e eficácia na construção dos saberes.

A escola oferece aos estudantes um atendimento de Multimeios e de uma biblioteca que ajuda e complementa as ações educativas, sendo estas atividades relacionadas com os espaços de circulação, divulgação de materiais bibliográficos, ludo pedagógicas e audiovisuais.

As atividades funcionam em dois períodos semanais para cada turma, tendo como objetivo, estimular à imaginação, a criação, a fantasia e gosto pela leitura, pois através dos recursos visuais e das leituras feitas nos livros, se cria uma aproximação e um gosto pela leitura. A comunidade também está convidada para participar dessas atividades fazendo suas retiradas dos livros, que está inserido no projeto “Adote um escritor” e a “Feira do Livro” que acontecem na escola, mobilizando a comunidade escolar, no qual é convidado um escritor para vir à escola possibilitando um contato e a aquisição do livro na “Feira do Livro”.

No campo da informática os estudantes se apropriam desta linguagem desde o primeiro ciclo, frequentando semanalmente, tendo o apoio de estagiários da área, para prestar auxílio aos alunos e professores nas atividades de apropriação de conhecimentos através da informatização e do acesso virtual.

3.1.3 Conhecendo uma proposta da escola: sobre o desenvolvimento das aulas de artes do Prof. Ernani Chaves

Ocorreu-me então: e se nas minhas aulas eu não partisse de conceitos? Se substituísse a definição verbal por uma experiência direta, por uma atuação do grupo? O caminho para se chegar aos vários resultados poderia servir para ilustrar os conceitos. Não haveria necessidade de se abstrair ou verbalizar o sentido do fazer. O fator mais importante e convincente seria mesmo a possibilidade de se vivenciar o fazer. (OSTROWER, 2004, p. 3).

Na citação de Ostrower a autora está pensando em sua didática, como poderia substituir um conceito por uma experiência, e esta experiência serviria para ilustrar os conceitos. Foi desta forma que percebi que as aulas de artes realizadas pelo professor Chaves traziam o que a autora estava dizendo, “a possibilidade de se vivenciar o fazer”.

Durante as observações feitas no período do estágio, realizadas no 1º semestre de 2012, constatou-se que as aulas ministradas pelo professor Ernani Chaves contemplavam o básico de uma sala de atelier de artes, com um planejamento integrado desenvolvido com outra professora de artes visuais, e juntamente com a coordenação pedagógica da escola.

Percebeu-se que o desenvolvimento do trabalho realizado pelo professor possibilita colocar o desenho como uma linguagem que ajuda a estruturar o pensamento, explorando o espaço, a percepção do entorno geográfico da escola, assim como o universo no qual os alunos vivem.

O Professor Chaves tem construído a sua experiência como arte-educador através de vivências e acontecimentos relacionados à docência fazendo oficinas variadas, projetos interdisciplinares com arte e saúde mental. O professor é também artista, e tem realizado um trabalho de gravador há mais de 20 anos, tendo participado de diversas formações de arte com comunidades, com professores, realizando processos coletivos e de apreciação e feitura de arte com alunos do interior e capital.

Em 2007 concluiu a Licenciatura em Artes Visuais, tendo realizado a sua formação na UERGS em Montenegro. Em sua formação desenvolveu, um projeto de extensão universitária em gravura por três anos seguidos, experienciando a vida de docente dentro da universidade, com alunos universitários e pessoas da comunidade de Montenegro.

Durante o período de observação do estágio constatou-se que os alunos visitaram as exposições do artista Bispo do Rosário, no Santander Cultural, e do artista Leonilson na Fundação Iberê Camargo. As duas visitas às exposições contribuíram para a exploração de materiais, contemplando os desejos dos educandos, bem como a integração com professores de outras disciplinas que contribuíram para a abertura de novas possibilidades.

A abordagem realizada pelo professor a partir dos artistas das exposições possibilitou também relações com escala, desdobrando o resultado em construções coletivas e individuais, que foram expressas através de desenhos e de pinturas com construções em papelão, utilizando vários tipos de linhas (barbantes, lãs, linhas de crochê), trabalhando com a coordenação motora, através do desenvolvimento e percepção de linhas, formas e cores.

Em conversa com o professor, o mesmo relatou que suas concepções de arte têm relação de proximidade com o construtivismo russo, com o minimalismo norteamericano e o neoconcretismo. Têm afinidades com os artistas Hélio Oiticica, Francis Allis, Frida Khalo, Diego Rivera e Leon Ferrari. O professor mantém uma relação aberta em que busca conhecer processos de arte que não transitam pela arte institucionalizada, tais como, ilustradores populares, cordelistas, grafiteiros, gravuristas, intervenções urbanas e festas populares.

Quando foi perguntado se segue alguma orientação em seu trabalho, o professor respondeu que ela estaria baseada na vivência com os alunos, sendo acompanhada pela escolha dos artistas e dos movimentos artísticos, de materiais com algum viés que possibilite as construções de formas tridimensionais e bidimensionais.

Trabalhando ainda com o atravessamento de questões pedagógicas da primeira infância, como os jogos, confecções de quebra cabeças (Figura 1), autonomia dos alunos, o convívio com o outro e a apreciação de suas produções (Figuras 2 e 3).



Figura 1: Quebra-cabeça Fotos: Adriana Klausen, 2012



Figura 2 e Figura 3 Fotos: Adriana Klausen, 2012

Nas suas propostas o professor trabalha também as relações corporais, vestimentas e os espaços cenográficos para o teatro da escola. Desta forma, contempla a diversidade de possíveis ligações e interligações que ajudam os alunos a se desenvolverem e se conhecerem, criando uma ponte direta com o desenho e a pintura, linguagens que são sempre acessíveis aos alunos.

Desse modo, ele está assim contemplando a possibilidade de relações com as produções dos alunos, evidenciando o que vivenciam e o que correspondem através da linguagem, da expressão corporal, das suas escolhas, contemplando a diversidade de possibilidades de inserção dos alunos com a produção de cultura, considerando que os alunos já vêm de uma cultura singular, com suas referências musicais, jogos, brincadeiras (pião, pandorga, dança de roda), influências televisivas e etc. (Figuras 4 e 5).



Figura 4 Foto: Adriana Klausen



Figura 5 Foto: Adriana Klausen

Em seus depoimentos, verifica-se que este pensar e fazer do professor também faz uma interlocução com a autora Iavelberg (2003), que nos diz:

Trazer conteúdos de arte do ambiente de origem e do cotidiano dos estudantes para a sala de aula é uma boa e motivadora escolha curricular. Essa prática valoriza o universo cultural do grupo, dos subgrupos e dos indivíduos, incentiva a preservação das culturas e cria em cada um o sentimento de orgulho da própria cultura de origem e de respeito à dos outros, o que constitui condição fundamental para a construção de uma relação não-preconceituosa com a diversidade das culturas. (IAVELBERG, 2003, p. 12).

Estabelece conversas com as produções dos alunos, apreciações, respeitando o ritmo perceptivo dos mesmos, e faz uma ressalva de que devido ao seu trabalho ser feito dentro de uma instituição especial, lembra que a escola tem um currículo com uma estrutura que não engessa as ações de arte, na verdade está contemplando a diversidade de síndromes e das questões motoras.

O modo como o professor Chaves avalia seus alunos parte de uma integração entre os outros profissionais, tendo como norte o desenvolvimento global dos alunos, maturidade física com autonomia, linguagem, e adequação das possibilidades que os alunos apresentam. Possibilitando desta maneira uma avaliação constante no cotidiano, regada a planejamento e estratégias de ações que possibilitem o avanço dos alunos em suas questões que são sempre múltiplas. Atualmente o professor desenvolve uma pesquisa em arte contemporânea que transita por questões corporais de desequilíbrios, e construções sem amarras com objetos cotidianos ou não.

Este trabalho se dá com produções de colunas, escoras, construções (Figura 6) que se erguem na vertical ou não, mantendo-se em equilíbrio com o máximo que a construção suporta, adequando-se ao espaço onde é instalado, criando um diálogo com o público, criando interação constante dentro das possibilidades.

As interlocuções (Figura 7) que se estabelecem entre o trabalho do professor artista e a sala de aula condizem na relação de sua poética dos empilhamentos com as características de propriedade, ascensão na vertical, acúmulos de materiais, possibilitando aos alunos realizar trabalhos que contem relação de escala, materiais diferenciados, relações de equilíbrio, estabelecendo vias de ações físicas com os alunos que necessitam desenvolver noções de medidas.

Há também as questões de deslocamento de materiais, pois na sala de aula o professor trabalha com variedades de materiais, procurando mostrar que um determinado material não possui apenas uma função, pois na arte podemos transformar. Desta forma o professor/ artista consegue estabelecer links entre sua obra e sua didática, fortalecendo seus laços poéticos com a educação.



Figura 6: Produção Prof. Ernani Chaves



Figura 7: Interlocuções Fotos: Adriana Klausen

Toda a sua experiência fica transparente em suas atividades em sala de aula, pois o professor procura buscar a criação do conhecimento de uma forma individual e posteriormente de uma forma coletiva, permitindo aos alunos visualizações, entendimentos do seu contexto sócio cultural e histórico abrindo campos para futuros questionamentos desses alunos. Com isso, verifica-se que a arte promove um desenvolvimento de habilidades, de conhecimentos diversos, de manifestações, apreciações, e interações com o meio e o outro.

4 ENSINO E APRENDIZAGEM DA ARTE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O ato de aprendizagem precisa ser compreendido pelo professor de artes visuais no que é aparente e invisível, pois um erro aparente pode representar o acerto possível. (IAVELBERG, 2003, p. 40).

Na busca de desenvolver a excelência no ensino no caminho da ampliação da aprendizagem dos alunos, o professor e a escola terão que se moldar para poder ajudar no desenvolvimento dos alunos com necessidades educativas especiais. Na continuidade do texto serão discutidos os fatores que influenciam este ensino/aprendizagem de uma maneira simples mostrando como o professor poderá auxiliar de diferentes maneiras esses alunos para que haja um aprendizado que os envolva nas atividades e que as mesmas sejam significativas, que possibilitem compreender as propostas do educador. A presença de alunos com necessidades educativas especiais em uma sala de aula requer um professor que se ajuste e se adapte a novas maneiras de ensinar, visando um aprendizado que construa e desenvolva o conhecimento em arte.

Verifica-se com Oliveira (2010) que a arte é ressignificada no contexto da educação inclusiva, pois:

No contexto da educação inclusiva, a arte e o seu ensino passam a ter um novo significado, superando a visão utilitarista, arte compreendida como uma atividade inerente ao ser humano e potencializadora de suas habilidades, capaz de educar, sensibilizar e inquietar, possibilitando aos sujeitos problematizar, criticar, criar e se emocionar. Por isso, a arte viabilizaria caminhos efetivos para a inclusão escolar. (OLIVEIRA, 2010, p. 265).

A potência indicada pela autora que a arte tem de ampliar habilidades, educando sensibilizando e inquietando viabiliza a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais que, em parte têm dificuldade de concentração, e de comunicação poderão ter problemas de interação e um menor entendimento da lógica do funcionamento da língua. Verifica-se que alunos com deficiência intelectual, por não entenderem ou não compreenderem a representação escrita (conforme a observação de alguns casos), necessitam de um espaço organizado, para que possam desenvolver suas habilidades e assim aprender o conteúdo trabalhado.

Mesmo os alunos sem deficiência também apresentam dificuldades em alguma atividade, ou a respeito de algum conteúdo, por isso, o professor estrategicamente poderá apresentar diferentes maneiras de executar uma proposta. Desta forma, o aluno poderá

escolher o que lhe interessa conseguindo, de uma maneira prazerosa executar a tarefa não havendo uma imposição por parte do professor para que a mesma seja executada apenas de uma forma, possibilitando novos entendimentos e diversas formas de realização.

O educador para tornar suas aulas mais dinâmicas e atrativas, também poderá usar artifícios que partam de uma atividade lúdica, como, por exemplo, jogos de quebra-cabeça, jogos de tabuleiro ou de memória, para que estes possam suscitar na criança, ou no jovem, motivação e interesse construindo o entendimento de certo conteúdo ou até mesmo de conceitos, ou simplesmente uma aproximação. O professor pode preparar um objeto de aprendizagem em que monte um quebra-cabeça de uma imagem de uma obra de arte, ou mesmo um jogo de memória em que utilize diversas obras de artistas, pois também é uma forma do aluno se aproximar da arte.

A produção plástica pode auxiliar no desempenho da comunicação dessas crianças que não conseguem através da fala demonstrar seus desejos ou ansiedades. Para o professor que está atento a seu aluno, através da análise das produções, o docente poderá visualizar o envolvimento, sua prática, seu modo de manipular os materiais e, por fim, seu objeto de obra, para que este sirva de ponto de referência e entendimento, para que assim, o professor consiga ver a evolução, o desenvolvimento que a tarefa trouxe para este aluno, se o beneficiou ou não.

Rangel et al. (2005) enfatizam a teoria de Vygotsky dizendo:

Para a teoria de Vygotsky (1998), o desenvolvimento cognitivo da criança ocorreria no contexto das interações com uma pessoa mais competente que estrutura o meio e guia a atividade da resolução de problemas dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal (diferença entre o que a criança já pode fazer e o que ela é capaz de fazer com auxílio). (RANGEL et al. 2005, p. 32).

As crianças costumam observar o que os colegas estão fazendo e quanto menores forem, a tendência à imitação se torna maior, claro que o objetivo não é termos trabalhos iguais, mas, aqui o que se deseja destacar é a concepção do outro, como exemplo e como ajuda para o desenvolvimento do raciocínio. Na interação com seus colegas e com o meio, todos se tornam estimuladores, e os trabalhos dos colegas também.

A estruturação e a dinâmica das aulas podem propiciar um ensino mais satisfatório para os alunos, por isso a importância do envolvimento e das situações de aprendizagem que os docentes criam para com seus alunos.

As artes visuais tem um campo vasto de assuntos e ainda podem-se estimular os alunos perguntando qual o assunto que lhes agrada, qual o tema que gostariam de tratar, e adaptar

esse assunto assim escolhido para a faixa etária deles, possibilitando um melhor aproveitamento do assunto em debate e propiciando uma tarefa prazerosa.

Outro fator que pode auxiliar no ensino e aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais é o desdobramento da proposta a ser realizada.

O desdobramento não deve ser compreendido como um exercício de repetição, quando o professor vê que seus alunos não compreenderam a tarefa, a explicação sobre aquilo que esta sendo apresentado, o mesmo deve mudar a maneira que havia explicado, modificando sua resposta, buscando outros exemplos, para que possa ajudar no entendimento e na compreensão do assunto em questão.

Este é o tipo de desdobramento que o professor poderá executar, mas para isto ele deve ter domínio sobre aquilo que está sendo exposto, sobre o trabalho que está sendo desenvolvido com seus alunos.

O ensino e aprendizagem dos alunos também podem ter influência da família, pois a formação de um indivíduo começa na família, independentemente de sua estrutura, pois é ela que propicia a construção dos laços afetivos, de educação e socialização com o meio.

A criança precisa sentir-se segura, amada, compreendida e estimulada e isto começa dentro do núcleo familiar. As indagações, os medos, as conquistas e vários sentimentos que surgem durante a infância e adolescência, primeiramente perpassam pela família.

A criança ou jovem que não tem uma base familiar que atenda as suas necessidades, provavelmente irá procurar por outros grupos, pois não encontram apoio e atenção de seus familiares, pois há uma fragilidade entre esse jovem e sua família.

Entende-se que o papel da família é de educar, proteger, orientar a criança ou o adolescente, para que haja um desenvolvimento, um crescimento e aprendizado no contexto em que vive.

Ultimamente as famílias estão delegando a educação para as escolas, deixando na responsabilidade das instituições a incumbência dos valores morais e éticos.

As autoras Braga, Scoz e Munhoz (2007) discutem sobre as influências da família sobre as questões de aprendizagem, tornando evidente a importância da família para formar sujeitos que se reconheçam como autores de seus pensamentos e explicam que se torna muito simplificado relacionar todo o transtorno de aprendizagem com razões afetivas ou à dinâmica familiar, mas que o aprender perpassa pelo vínculo humano, pelo seio familiar que se forma nos primeiros vínculos mãe, pai, filho, irmão e a afetividade, por sua vez, é algo inerente à aprendizagem e completam dizendo que:

Desse modo, é necessário encontrar a relação do sujeito com o conhecimento e o significado do aprender para ele e seu grupo familiar, quando queremos entender a complexidade dos fenômenos envolvidos no problema de aprendizagem. Consideramos que, embora a dificuldade de aprendizagem seja sempre condição ligada a múltiplos fatores internos e externos ao sujeito, ela está sustentada firmemente pelo meio familiar no qual o sujeito está inserido, isto é, seja qual for a causa do problema de aprendizagem, o grupo familiar é um fator essencial para a manutenção ou resolução do problema. (BRAGA; SCOZ; MUNHOZ, 2007, p. 151).

A família e a escola precisam estar em contato e integrados para que haja um melhor desenvolvimento dos alunos com necessidades educativas especiais, pois assim será mais fácil conquistar seus espaços na sociedade, com mais segurança e autonomia.

Outro fator que influencia no ensino e aprendizagem em arte é o desenvolvimento do trabalho através de uma experiência prática, uma vivência, pois a experiência é uma atividade concreta que também possibilita ao aluno um desenvolvimento motor e cognitivo.

Algumas escolas e professores, ainda hoje colocam a memorização como mais importante para a aprendizagem, esquecendo que há outras formas de aprender, que possibilitam um aprendizado mais ativo e cooperativo, através das tarefas práticas e de uma experimentação mais direta sobre o objeto de ensino, podendo proporcionar aos alunos um aprendizado baseado na experiência.

Pensando no desenvolvimento cognitivo dos alunos, podemos dizer que quando esta criança se apropria dos objetos manipulando-os, possibilita a construção da visão do objeto, o reconhecimento, o aprendizado de sua forma, cor, textura, peso, e etc. Além disso, como explica Fonseca (1995), através da interação social e por mediação seletiva, as crianças apropriam-se da linguagem social e material, reunindo instrumentos verbais que viabilizam compreender o mundo e reconhecer as suas experiências. Assim,

transcende o primeiro sistema simbólico e apropria-se do segundo sistema simbólico, integrando a experiência singular em conteúdos e contextos cada vez mais complexos e hierarquizados. (FONSECA, 1995, p. 95).

Em artes visuais tem-se a possibilidade de trabalhar com vários materiais e desse modo tem-se uma ajuda na experimentação, pois a manipulação das tintas, canetas hidrocor, giz de cera, argila, massa de modelar, papéis com texturas diferentes, sucatas (tampinha de garrafa, papelão, garrafa pet, linhas, tecidos e etc.), ajuda os alunos com as suas próprias experiências e propiciam a descoberta de novas possibilidades, trabalhando o desenvolvimento motor e cognitivo. Esta manipulação exige um pensar, exige um esforço do aluno para realizar seu trabalho e isto proporciona seu envolvimento e desenvolvimento dos conteúdos propostos e a interação com o seu meio.

Por outro lado, a tecnologia também serve de aliada no aprendizado dos alunos, e, além disso, faz parte de seu cotidiano, e pode-se usar dessas tecnologias para servir de suporte pedagógico para o ensino.

4.1 ENCONTRANDO NOVOS CAMINHOS

Com a atenção que a educação vem dando às novas tecnologias na sala de aula, torna-se necessário não só aprender a ensiná-las, inserindo-as na produção cultural dos alunos, mas também educar para a recepção, o entendimento e a construção de valores das artes tecnologizadas, formando um público consciente. (BARBOSA, 2008a, p.111).

O modo de relacionamento social e educacional tem sido alterado pelas novas tecnologias promovendo algumas mudanças em nossas vidas. Nas artes visuais isto não é diferente, pois os softwares, os programas de computador estão cada vez mais avançados, proporcionando aos artistas uma infinidade de combinações, e de perspectivas diferenciadas para seus trabalhos, e isto se reflete nas últimas Bienais de Arte que aconteceram em nosso país e também nas exposições internacionais.

As novas tecnologias possibilitam uma linguagem expressiva na arte contemporânea, fazendo com que novos meios tecnológicos sirvam de suporte para essa nova expressão artística que vem se desenvolvendo ao longo dessa década. Essas novas tecnologias propiciam aos artistas uma nova condição às experiências estéticas, tornando a arte interativa, possibilitando ao espectador um contato sensorio-motor com a obra e não mais algo distante e intocável.

Em décadas passadas os artistas já usavam a tecnologia para a execução de seus trabalhos. A fotografia, por exemplo, influenciou muitos artistas; desde o começo do Futurismo, do Dadaísmo e da Pop Art, que os artistas utilizam desse meio para a representação de movimento, para as repetições de imagens e trabalhavam também com as colagens.

Através das atividades em sala de aula envolvendo a tecnologia, pode-se evidenciar uma abordagem da própria mediação entre tecnologia e arte.

As redes sociais, os sites de vídeos, os blogs são canais de visibilidade do trabalho dos alunos e de outros, propiciando um diálogo entre os espaços escolares de diferentes Estados, e até mesmo outros países, mostrando o pensar/ fazer desses alunos sobre diferentes temas e sobre seu entendimento de mundo e da própria arte.

Além disso, tem-se ao alcance vários museus virtuais, pois há sites especializados, no qual se pode navegar por diferentes países, visitando diferentes museus, havendo assim, uma democratização do conhecimento da arte, pois se sabe que muitos de nossos alunos não teriam condições de fazer viagens e ter acesso a essas obras.

Barbosa (2008a) explica que

Antes do computador, nosso remoto acesso a obras de arte dava-se por meio de livros caríssimos, que no Brasil eram produzidos principalmente pelos bancos para presentear clientes no fim do ano, pois até os catálogos eram raros e em preto e branco. (BARBOSA, 2008a, p. 105).

Com as novas tecnologias os alunos com necessidades educativas especiais podem ampliar a sua visão de mundo e divulgar, dando visibilidade nas redes sociais aos trabalhos que são elaborados pelos mesmos, em blogs e sites ajudando a desmistificar, deixando os preconceitos de lado, para uma valorização desses alunos e uma visão do desenvolvimento através desses novos recursos tecnológicos. A percepção desses alunos perpassa pelas imagens, seus símbolos são construídos e identificados através das imagens e a tecnologia pode ajudar nesta compreensão de mundo, na construção do pensamento sobre seu meio para que possam ter um desenvolvimento e uma vida mais significativa e independente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais já apresentavam uma mudança na terminologia da área de conhecimento das artes, antes chamada “Artes Plásticas”, para uma nova denominação “Artes Visuais”. As artes plásticas abordavam somente as linguagens tradicionais como pintura, gravura, escultura e desenho, porém com essa mudança para artes visuais, agora são contempladas as linguagens mencionadas anteriormente, e passam a incluir também outras formas de expressão artística como cinema, vídeo arte, animação, fotografia e a computação gráfica.

As artes visuais passam desta maneira, pela estética do cotidiano, pelos espaços urbanos, pelos filmes, desenhos televisivos e outros, possibilitando um desenvolvimento social, cultural, estético e intelectual através dos avanços tecnológicos.

A arte e as novas tecnologias compõem um dueto muito importante no contexto escolar, pois já faz parte do dia a dia dos alunos os vários formatos de tecnologia, tais como uma simples máquina fotográfica digital, um computador, um Ipod, um IPad, um Tablet entre outros.

Nas aulas de artes visuais ao se trabalhar com fotografia, vídeos, animação, cinema se estará relacionando o cotidiano dos alunos com uma arte mais tecnológica, que usa técnicas de programas de computador para configurar um trabalho de sala de aula. Pode-se através dos

vídeos, do cinema, da fotografia ensinar aos alunos História da Arte, por exemplo, de uma maneira mais agradável, proporcionando confecções de vídeos produzidos por eles mesmos que poderão ser apresentados na escola e debatidos na instituição formando grupos de alunos produtores, pensadores críticos de suas próprias produções, ajudando desta maneira no processo de desenvolvimento motor, cognitivo e estético.

Pensando nos alunos com necessidades educativas especiais ao se trabalhar um aluno com paralisia cerebral, por exemplo, que tem poucos movimentos do corpo, muitas vezes a tecnologia se torna uma aliada para este aluno. Às vezes o mesmo não terá tanta independência com um lápis de cor, quanto com as teclas de um computador, ou até mesmo se ele não consegue digitar, ele assim mesmo conseguirá ter uma autonomia, pois em uma produção de vídeo, por exemplo, ele irá escolher a disposição do material, a escolha da música e tudo mais que ele possa imaginar, porque neste momento o professor irá somente auxiliá-lo na manipulação (clicar, digitalizar), mas toda a construção intelectual será do aluno, o que em um desenho ou pintura isto já não seria possível.

Desta forma as novas tecnologias chegaram também para abrir espaços para alunos com necessidades educativas especiais, trazendo novas perspectivas de aproveitamento e entendimento educacional.

4.2 A ARTE E AS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modifica-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver arte, e decodificadores fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano. (BARBOSA, 2008a, p. 100).

Vive-se na atualidade em uma “sociedade das imagens”, é a era da visualidade cultural, há imagens em toda parte, e a tecnologia contribuiu para essa disseminação. As crianças e os jovens, desde cedo interagem com o computador, são os chamados “nativos digitais” aprendendo a consumir e produzir imagens.

A fotografia digital, os programas de computador, no qual se podem manipular essas fotos, a animação com softwares que reproduzem a imagem em movimento, são recursos tecnológicos que se vai usar em sala de aula de maneira simples, que poderá agradar aos alunos, pois os celulares, as câmeras digitais, os computadores fazem parte do cotidiano dos mesmos.

Realizei parte do estágio de docência na Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Prof. Elyseu Paglioli. A proposta do projeto consistiu em elaborar um cenário e criar personagens, para a confecção de cenas que poderiam contar ou não uma história, utilizando câmeras de celulares e câmeras fotográficas digitais, para a realização de sequências das fotos e também a utilização do programa *Movie Maker* para a execução da montagem de vídeos com a técnica do *Stop Motion* (técnica de animação filmada quadro a quadro).

A utilização desses recursos tecnológicos teve o objetivo de trazer um diferencial às aulas, proporcionando uma nova experimentação em artes visuais, na qual os alunos pudessem desenvolver outros sentidos, ao trabalhar com tecnologia e posteriormente realizar reflexões sobre seus trabalhos e sobre os trabalhos dos colegas.

Foram diversas observações até definir a proposta do estágio de docência e a elaboração do projeto, e, finalmente, as aulas programadas foram ministradas na turma do III Ciclo da escola, com jovens entre 15 e 21 anos, sendo que o professor desta turma é o Professor Ernani Chaves.

O professor se manteve sempre presente em sala de aula durante todo o período do estágio, tanto no período correspondente às observações, quanto na execução do projeto, que ocorreu somente no segundo semestre, apesar de não ser obrigatória a presença do professor regente durante este período.

Nas observações feitas em sala de aula havia notado que para alguns alunos a abstração era uma questão difícil, principalmente se envolvesse construção e desconstrução de imagens, pois esses haviam manifestado dificuldade de executar as tarefas propostas, mas, para a minha surpresa, quando se começou a fazer as fotos para a montagem dos vídeos em *Stop Motion*, esses mesmos alunos tiveram uma resposta muito positiva e rápida no que diz respeito à construção das cenas.

Logo na primeira montagem das fotos que foram executadas no 2º semestre de 2012 os resultados desta compreensão na execução da proposta foram positivos. Por exemplo, um dos alunos fez com argila, pequenas bolinhas e cilindros para a construção de um helicóptero (Figura 8). Ele foi fazendo passo a passo cada parte, então de forma integrada fui instruindo apenas sobre quando deveria colocar a próxima parte, para que se pudesse fotografar. Depois disto, foi feito o inverso, ele ia retirando as partes do helicóptero enquanto eu ia fotografando, desta forma, conseguiu-se trabalhar o pensamento de outra maneira, em um momento construindo e no seguinte desconstruindo o mesmo objeto. Ficamos muito felizes de ver que o aluno havia conseguido fazer as sequências e a satisfação do mesmo em ter conseguido executar a proposta foi muito grande.



Figura 8: Sequência das fotos helicóptero Fotos: Adriana Klausen

A cada aula os alunos estavam empolgados para serem os próximos a fazer as sequências das fotos e queriam logo ver o resultado, então resolvi trazer o vídeo montado na aula seguinte. Notei que os alunos ficaram impressionados com o resultado e ficaram contentes com seus trabalhos havendo também elogios para os colegas que haviam feito o *Stop Motion*.

No plano de aula que eu havia realizado, a apresentação dos vídeos seria a última parte do projeto, porém percebi que apresentando os vídeos conforme os alunos fossem terminando as sequências eles ficavam mais motivados, e isso funcionou também como um desdobramento, pois ao observarem como os colegas haviam executado a sequência, discutiam sobre isto, e queriam também fazer diferentes vídeos uns dos outros, e, desta forma, o trabalho tornou-se muito rico, com diferentes formas de pensar, com diferentes materiais para a construção das cenas e com uma aprendizagem que começou a fazer sentido para esses alunos.

O professor Ernani e eu, conseguimos ser agraciados em outra aula, com um aluno que conseguiu superar em parte algumas questões da construção do pensamento abstrato, o mesmo tinha algumas dificuldades em questões de escala e na execução de seus trabalhos, e exatamente naquela aula ele participou ativamente possibilitando a apropriação de noções que eram de difícil apreensão.

Começaram-se as fotos com uma sequência de pintura (Figura 9): foi colocado na parede um papel pardo e o aluno iniciou o trabalho com um pincel fino e pouca tinta. Ele começou tímido, mas foi se envolvendo com a proposta, íamos incentivando-o a cada

pincelada e o professor, nesse momento, resolveu ousar, e pedir para que ele trocasse de pincel, e passasse a usar um pincel mais largo. Isto ocasionou, primeiramente, uma incerteza no aluno, que chegou a perguntar se podia fazer isto, pois ele estava tendo que colocar mais tinta e isto poderia estragar sua pintura.

Nós o incentivamos e dissemos: você pode tudo, “continue carregando este pincel de tinta”, “pode aumentar este desenho”, “ele não vai estragar, ao contrário, está ficando cada vez melhor”. Ele começou sua pintura com proporções reduzidas e conseguiu avançar, chegou ao ponto de começar a sumir com o desenho da figura humana, sendo isto, algo que ele não havia feito antes. Enfim, chegar à abstração e começar novamente a figura, realizando uma construção e desconstrução de seu trabalho foi algo que mexeu bastante com ele.

Mas foi um sucesso, ele se sentiu seguro e foi acrescentando mais tinta, aumentando o desenho, comemorando a cada traço, se sentindo finalmente o dono de sua produção. Ele chegou a comentar no final do trabalho que ele era um artista e que estava cansado, mais sabia que tinha feito um belo trabalho.

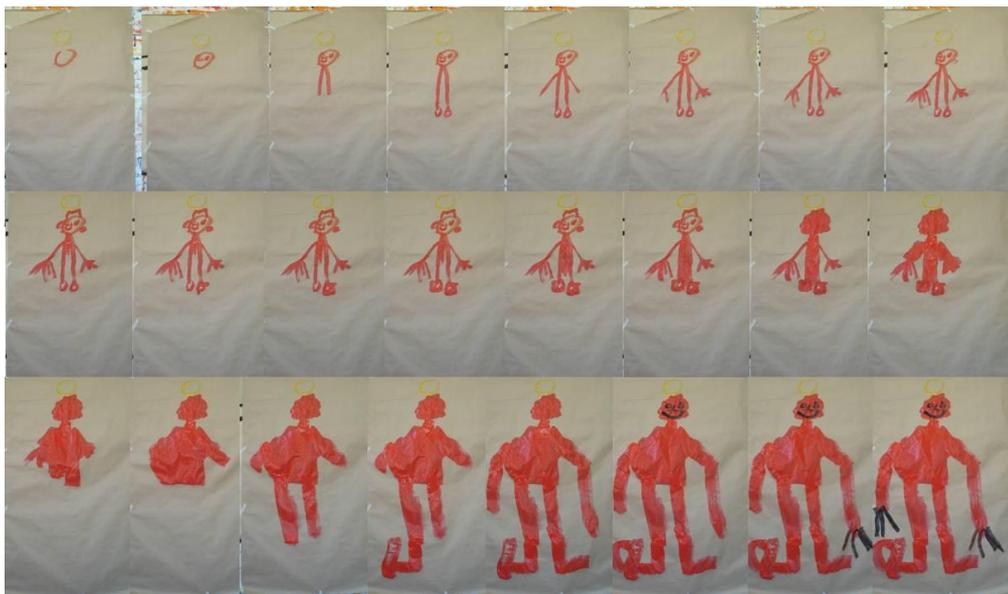


Figura 9: Sequência de fotos pintura. Fotos: Adriana Klausen

Como futura professora esse foi um momento muito feliz, pois, ver um aluno com dificuldades superar seus medos e comemorar seu sucesso, é ver que vale a pena elaborar propostas com um nível de dificuldade considerado alto para que os desafios sejam superados, pois através desses desafios podemos proporcionar aos alunos um crescimento, um desenvolvimento cognitivo, e motor, que ajuda na construção de um aprendizado que, em momento algum, se tornou pesado, mas sim prazeroso. E aqui faço uma ressalva, que não é

mérito do professor que elabora as propostas, mas houve aqui um avanço, uma batalha particular do aluno que foi travada consigo mesmo, e, ao final, ele foi o vencedor.

Em outra etapa do projeto os alunos formaram duplas, ficando um responsável pela movimentação dos objetos e o outro pela sequência das fotos. Os alunos conseguiram executar a tarefa de modo tranquilo, com entendimento sobre a atividade. Tivemos apenas que apagar algumas fotos que por descuido apareciam as mãos dos colegas.

Foi possível observar que todos apreciaram e gostaram da tarefa, principalmente os que manipularam a máquina fotográfica. Um dos alunos chegou a comentar que não conseguiria tirar as fotos, pois não havia feito isto, porém quando ele começou a apertar o botão da máquina e vendo que havia tirado a sua primeira foto, festejou dizendo “eu consegui, eu tirei, eu tirei...”. Foi interessante ver que aquele aluno estava feliz com algo tão simples, fez pensar que a arte nos possibilita alcançar de maneira simples a alegria de nossos alunos.

Uma observação que gostaria de fazer é sobre o ambiente de sala de aula em que se trabalha, pois há uma sala somente para as artes, com duas mesas que possuem uma dimensão de mais ou menos 2,20 m de comprimento ficando encostadas umas nas outras formando uma grande mesa. Isto facilita a visibilidade dos trabalhos, a disposição dos materiais e dos alunos que ficam ao redor desta mesa, possibilitando trabalhar com muita liberdade de espaço.

A sala de aula também funciona como um espaço para a exposição dos trabalhos, mas não está limitado a ela, pois os corredores da escola também são espaços de exposição das obras desses alunos.

Desta forma a arte passa contagiar a todos, atingindo toda a comunidade escolar, alunos, professores, pais e funcionários.

Infelizmente algumas escolas não possuem uma sala de artes específica para a disciplina de artes visuais, ficando o aluno com poucas possibilidades de espaço, pois se trabalha nas classes de sala de aula comum, que são pequenas e não possibilitam mobilidade e espaço para os materiais, ficando também com pouca visibilidade dos trabalhos dos colegas.

No estágio na Escola Municipal Especial de Ens. Fund. Prof. Elyseu Paglioli constatou-se que as artes são importantes para o desenvolvimento dos alunos com necessidades educativas especiais, principalmente as artes visuais que corresponde à área de conhecimento em que atuo. Os professores relataram que houve um crescimento, tanto na parte motora, quanto na parte cognitiva desses alunos. As tarefas que, anteriormente, eles tinham dificuldades de realizar se tornaram mais fáceis de serem executadas, como por exemplo, a identificação das partes que compõem a figura do corpo humano, as questões de espacialidade, pois seus desenhos e até mesmo a escrita conseguiram ter mais noção de espaço, de identificação das cores, dos objetos e etc.

Esta escola possui projetos de arte que envolve toda a comunidade escolar e do entorno da escola, proporcionando aos alunos uma visibilidade de seus trabalhos, e, desta forma, ajudando na construção de uma alta estima, de sua autonomia, obtendo o reconhecimento pela comunidade que participa dessas apresentações, onde podem constatar que esses alunos possuem capacidade para a realização desses projetos artísticos e muito mais.

5 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTES VISUAIS

ESCOLA INCLUSIVA - Instituição de ensino regular aberta à matrícula de TODOS os alunos indistintamente. Este conceito é a base de sustentação da compreensão de escola que, além de trabalhar o conhecimento universal nas suas manifestações contemporâneas, tem, também, a responsabilidade de objetivar processos de aprendizagem de acordo com as particularidades de cada aluno. (CARNEIRO, 2007, p. 30).

Em seus relatórios sobre serviços educacionais, a UNESCO, relaciona qualidade de ensino com preparação de professores, e no que se refere à Educação Especial é colocado que a Educação Especial deve ser obrigatória na formação inicial e contínua para todos os professores, nos diversos níveis de ensino; a participação das instituições de ensino superior na oferta e no desenvolvimento de programas de formação em Educação Especial, formando parcerias e abrangendo os diversos níveis de ensino; e iniciativas de programas de formação que possibilitem aos professores trabalhar com todo o tipo de deficiência.

A autora Iavelberg (2003) salienta que há nas escolas uma pedagogia diretiva de caráter reprodutivo e repetitivo, direcionada pela linha do disciplinamento e da submissão, garantidas através da autoridade e de que o professor ainda é aquele que detém o conhecimento e irá transmiti-lo.

Há professores que pensam desta forma, porém há também professores que estão abertos ao diálogo, e que desejam saber o que o seu aluno pensa, proporcionando e viabilizando uma via de mão dupla, uma troca de saberes, assim conseguindo tornar as aulas mais interessantes e produtivas.

É imprescindível que, nos projetos de formação inicial e contínua de professores, o saber, o “saber fazer” e o “saber ser” estejam inter-relacionados, considerando os modos de aprendizagem dos alunos e a formação para a cidadania. (IAVELBERG, 2003, p. 51).

A autora traz estes questionamentos sobre o papel do professor em sala de aula, sobre o qual o professor deve entrar em sintonia com seus estudantes, auxiliá-los em suas produções artísticas, propor questionamentos sobre suas poéticas pessoais e que os alunos devem aprender por interesse e curiosidade, e não por pressão externa, para que cada aluno consiga estabelecer relações entre os conteúdos da aprendizagem, a própria cultura e a sua vida pessoal.

O papel do professor é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte. Tal ação envolve aspectos cognitivos e afetivos que passam pela relação professor/aluno e aluno/aluno, estendendo-se a todos os tipos de relações que se articulam no ambiente escolar. (IAVELBERG, 2003, p. 10).

O professor de artes procura viabilizar um diálogo cultural dentro do espaço escolar, onde toda a comunidade escolar possa transmitir, manifestar e explorar suas ideias, na busca do conhecimento daquilo que está sendo estudado para que haja um entendimento sobre os conceitos, sobre o tipo de linguagem, sobre a técnica, mas sem precisar ser conteudista, pois podemos aplicar conceitos através da prática, para que assim sejam assimilados e compreendidos pelos alunos.

Este professor é um parceiro, que está preparado para ajudar seus alunos, interferir nos processos, mas com o objetivo de incentivar as práticas de investigação e estimular questões que contribuam para a reflexão sobre suas próprias produções.

Durante o processo de criação, os alunos procuram o auxílio do professor, que nesta hora deve atuar fazendo questionamentos, sugerindo pesquisas, abrindo caminho para que o conhecimento sobre o objeto se estenda, aprofundando o conhecimento e assim, indo além da sala de aula.

O professor doa-se aos seus alunos, ele é um companheiro e um facilitador, deixando seus alunos próximos dele, e assim viabilizando o diálogo entre as partes para alcançarem juntos o sucesso da proposta que está sendo executada.

A parceria da comunidade escolar se faz necessária dentro deste contexto de inclusão, pois os professores, a direção, os funcionários (refeitório, limpeza), o próprio projeto político pedagógico devem caminhar juntos para essa nova fase da escola.

O professor precisa ter conhecimento pleno de sua área de atuação, uma permanente formação que procure uma melhor qualificação de seus conhecimentos, para que possa refletir sobre sua própria didática e desta forma, aplicar as intervenções pedagógicas, no auxílio dos alunos com necessidades educativas especiais.

Outro fator importante é a formação cultural do professor, pois como comenta a autora Iavelberg (2003) é necessário que o professor esteja sempre atualizado e procure saber sobre as diferentes culturas possibilitando aos seus alunos conhecimentos mais avançados com o objetivo de garantir um conteúdo atualizado, em relação à cultura e à educação. E completa dizendo:

A formação cultural é imprescindível, porque a aprendizagem ocorre a partir da assimilação ativa do aprendiz sobre os objetos de conhecimento, cuja fonte principal é a produção sócio-histórica de conhecimento nas distintas culturas, ou seja, na produção cultural contemporânea e histórica nos âmbitos regional, nacional e internacional. (IAVELBERG, 2003, p. 55).

Estar sempre na procura de novas informações, de novos assuntos, pensar como um aprendiz facilita ao professor a possibilidade de se colocar no lugar de seus alunos, e entrando em contato com sua singularidade, poderá dar ao docente uma melhor compreensão das singularidades de seus alunos, facilitando o ensino e a aprendizagem dos mesmos.

O planejamento de suas aulas também é importante em todo este processo, pois o professor poderá fazer um belo plano de aula, mas se não souber observar seus alunos e ver que não está obtendo resultados positivos, e, mesmo assim, insistir em seu método, correrá o risco de seus alunos não aprenderem, de não conseguirem assimilar a proposta e, desta forma, não obterá êxito em sua aula.

O professor deve pensar que a aula é para seus alunos, portanto é este aluno, que fornecerá as pistas sobre a eficácia ou não deste plano de aula ou projeto, pois se algo não ocorre conforme o esperado é hora do professor rever sua didática e proporcionar aos seus alunos outra maneira de efetuar aquela atividade, e isto vale tanto para crianças com necessidades especiais educativas, quanto para as crianças que não possuem nenhuma necessidade.

O docente deve estar preocupado em compreender a capacidade de seus alunos, seu tempo de aprendizagem, possibilitando aos alunos conhecer e apreciar as diferentes linguagens artísticas, para que os mesmos possam trilhar seu próprio desenvolvimento artístico.

A autora Oliveira (2010) fala que na área das artes é essencial criar meios para que os alunos possam ter acesso às diferentes linguagens artísticas, ao conhecimento técnico de forma que permita o desenvolvimento do processo criativo.

Ser educador exige muito labor, pesquisa, determinação e amor por aquilo que faz. Ser bom educador também significa ser bom observador, compreender as necessidades de seus

alunos para que possa ajudar em suas dificuldades. Aqui o professor não deve estar sozinho, deve contar com a ajuda de colegas e outros profissionais, pois como dito anteriormente toda a comunidade escolar deve estar junto nesta caminhada.

A autora Iavelberg (2003) comenta que a formação do professor de arte envolve conhecer não só a criança e seu desenvolvimento, mas também conhecer as teorias que dão base e suporte para a prática de ensino e aprendizagem e de didáticas específicas que proporcionem conexões com uma didática geral. E continua seu discurso dizendo que a formação do professor tem como objetivos promover um docente mais autônomo, interativo com os alunos e a comunidade escolar, sendo mais participativo e produtor de conhecimento e criador nas atividades que desenvolve.

Nesta escola inclusiva que emerge lentamente, a formação continuada do professor de qualquer disciplina se faz necessária, e do professor de arte mais ainda, pois se acredita que a arte possa abrir caminhos para um aprendizado diferenciado, através de propostas que estimulem e ajudem no desenvolvimento dos alunos com necessidades educativas especiais a fazerem ligações com arte e as outras disciplinas.

Vemos que o professor deve estar sempre em atividade, ser um pesquisador e procurar ampliar seus conhecimentos através de uma formação continuada, para que possa desenvolver em sala de aula atividades que possibilitem uma aprendizagem prazerosa e eficaz.

Iavelberg (2003) diz que é comum que os professores selecionem reproduções de obras e acabam sempre fazendo as mesmas perguntas para seus alunos, tais como: “o que esta imagem lembra”, “fale sobre as cores”, “o que você está vendo?”, desta forma, ainda que não sejam inadequadas, explica a autora, não atinge todos os sentidos das imagens e continua,

É muito provável que os conteúdos variem em momentos e contextos distintos de apreciação. Tais práticas revelam que o professor não domina os princípios subjacentes aos atos de leitura de imagens e realizou pouca ou nenhuma pesquisa para organizar as aulas, pois, se o fizesse, poderia criar suas próprias perguntas. (IAVELBERG, 2003, p. 54).

Quanto a essas reflexões da autora, concordo com o seu pensar. Podem-se trazer outras obras que dialoguem com a primeira para que se possa ver que em um mesmo período ou em períodos diferentes da História da Arte, por exemplo, podem-se encontrar ligações entre elas.

Como exemplo, ao desenvolver o trabalho proposto, que é sobre a imagem em movimento, se podem trabalhar vários períodos da História da Arte e não somente a partir da fotografia.

Desde os primórdios os seres humanos representam o movimento, então se pode trabalhar com o período paleolítico, pois há desenhos nas cavernas que os homens primitivos faziam em que os desenhos dos animais apresentam mais patas representando de certa forma o movimento, aqui já podendo abrir uma interlocução com a disciplina de História, para poder trazer outras informações sobre o período.

Falar sobre as pinturas, trazendo as imagens de diferentes épocas e comparando-as, mostrando como a partir da fotografia nosso olhar se modificou, pois as pinturas antes da fotografia eram bem diferentes.

Depois também se pode falar no “Futurismo” com as pinturas de Russolo, de Severine, Balla ou com as esculturas de Boccioni que representam o movimento, pois se estava em um período histórico das grandes inovações tecnológicas do começo do século XX (automóvel, avião, luz elétrica), podendo ser novamente abordada a História geral.

Há muito assunto que pode ser desmembrado dentro deste tema e através desses desdobramentos pode-se mostrar ao aluno que o pensamento não é isolado ou estático, mas sim um pensamento de que há ligações entre o que acontece em nosso entorno e que com as disciplinas também ocorre isto.

A educação que se procura é uma educação em que os alunos aprendam a fazer essas ligações e se sintam capazes de desenvolver suas próprias pesquisas, para que possam mais tarde, em um ensino superior, estar mais preparados para suas escolhas profissionais.

Acredita-se que as universidades devem preocupar-se mais com esse novo tema, oferecendo disciplinas na licenciatura que correspondam ao ensino especial. Hoje se tem na formação do professor a obrigatoriedade da disciplina de Libras, por escolha própria eu optei pela disciplina de Necessidades educativas especiais, entretanto considero que estas disciplinas ainda não são suficientes para dar segurança ao futuro professor em uma escola inclusiva.

Verifica-se que a formação do professor é essencial para que os estudantes tenham uma boa aprendizagem, e a formação continuada ajuda na ampliação e especificação do conhecimento do professor, como por exemplo, complementando os estudos em relação à educação inclusiva. Também a continuidade da formação pode reorientar o professor em relação a si mesmo como simples reprodutor de ideias, pois o professor que consegue produzir conhecimento pedagógico consegue exercitar uma prática reflexiva. As próprias vivências culturais e as experiências cotidianas do professor e dos estudantes podem fazer parte do universo escolar, pois elas caminham juntas, elas são parte dos indivíduos, parte de suas identidades, podendo ajudar o professor a encontrar relações enriquecendo as aprendizagens escolares.

6 AS MUDANÇAS CULTURAIS E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A escola terá de adaptar-se a todas as crianças, ou melhor, à variedade humana. Como instituição social, não poderá continuar a agir no sentido inverso, rejeitando, escorraçando ou segregando “aqueles que não aprendem como os outros”, sob pena de negar a si própria. Não se pode continuar a defender que tem de ser a criança a adaptar-se às exigências escolares, mas sim o contrário. Efetivamente, a escola, ou melhor, o sistema de ensino, não pode persistir excluindo sistematicamente as crianças deficientes, estigmatizando-as com a desgraça, rotulando-as com uma doença incurável ou marcando-as com um sinal de inferioridade permanente. (FONSECA, 1995, p. 202).

Na década de 70 foi implementada a política da integração matriculando alunos com necessidades educativas especiais nas escolas comuns, porém isto era exceção, mas a partir de políticas públicas que garantiram o acesso de crianças com necessidades educativas especiais o número de matriculados cresceu significativamente.

Foi com a Declaração de Salamanca que o movimento de inclusão escolar obteve força, que legitima e reconhece o direito que toda a criança tem à educação no sistema regular de ensino.

As questões de diversidade, de preconceitos, de direitos humanos deveriam ser abordadas nas escolas com mais frequência, são assuntos que professores de diferentes disciplinas podem trabalhar com seus alunos buscando desenvolver um olhar crítico, um pensar sobre o outro, visando também desmistificar estereótipos preestabelecidos pela sociedade.

Através destas mudanças culturais a inserção de alunos com necessidades educativas especiais em escolas comuns possibilita a aceitação por parte de seus colegas que não possuem nenhum tipo de deficiência, pois trabalhando com essas abordagens sobre estereótipos, diferenças, inclusão, podem-se construir diálogos que operem na desmitificação desses assuntos. Trabalhando essas questões os alunos com necessidades educativas especiais poderão sentir-se mais a vontade e mais seguros para relacionar-se com seus colegas e professores. Esta inclusão possibilita uma convivência heterogênea, que ajuda alunos com necessidades educativas especiais aprenderem e se integrarem não somente com seus professores, com seus colegas, mas também com toda a sociedade.

A educação especial tem em sua base o acompanhamento de profissionais de várias áreas da saúde fazendo parte deste quadro, psicólogos, fisioterapeutas e outras especialidades.

É necessária uma mudança em nosso sistema de ensino, no qual o acompanhamento clínico e escolar estejam articulados, mas não no mesmo espaço.

O autor Fonseca (1995) afirma que o sistema de ensino:

“... terá de equacionar o deficiente como um ser humano possuidor de um potencial de aprendizagem, de um perfil intraindividual e de um repertório de comportamentos que têm de ser maximizados e otimizados pelo próprio processo educacional”. (FONSECA 1995, p. 202).

A formação continuada de professores é importante para a escola inclusiva, no sentido de possibilitar ao professor a construção de novas possibilidades de processos educativos envolvendo diferentes potenciais de aprendizagem e também diferentes repertórios de comportamento, pois deve haver uma preocupação no atendimento desses alunos para que possam sentir-se realmente incluídos no ambiente escolar. Cursos, palestras, seminários que introduzam conhecimentos sobre diferentes patologias para que possibilite aos professores uma reorientação e reconstrução de suas práticas pedagógicas, viabilizando o desenvolvimento de uma aprendizagem participativa e colaborativa dentro da escola que poderá proporcionar um ambiente de inclusão.

Esta escola que receberá os alunos com necessidades educativas especiais também necessitará de recursos, de apoio, de programas integrados, de professores capacitados que viabilizem um ensino/ aprendizagem de qualidade, acolhendo e respeitando as diferenças desses alunos.

Essas mudanças culturais podem começar dentro mesmo do espaço escolar, e uma escola com um bom projeto pedagógico poderá ajudar inicialmente os professores a atender os alunos com necessidades educativas especiais, proporcionando palestras com profissionais da área de Educação Especial, trocas de experiência com outros profissionais, permitindo desta forma uma troca e integração de conhecimento sobre o assunto. Assim, a escola consegue afastar os frequentes medos que os professores têm de ensinar esses alunos, pois os relatos e trocas de experiências viriam como bases de conhecimento contribuindo para a desmistificação do tema inclusão.

Faz-se necessário uma visão escolar inclusiva, na qual o professor procura ensinar aos seus alunos a partir de suas experiências, buscando entrelaçar as experiências preestabelecidas com os conhecimentos que o professor traz para a sala de aula, criando vínculos com esses alunos e não mais pensando em seus limites ou dificuldades, para que deste modo os alunos se sintam inseridos e participantes da aula.

A educação inclusiva gera modificações no sistema de ensino, nas políticas pedagógicas da escola, e na legislação com a finalidade de acolhimento dos alunos com necessidades educativas especiais e essas mudanças estão sendo implementadas lentamente.

6.1 UM BREVE PERCURSO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Educação Inclusiva: Conjunto de processos educacionais decorrente da execução de políticas articuladas impeditivas de qualquer forma de segregação e isolamento. Essas políticas buscam alargar o acesso à escola regular, ampliar a participação e assegurar a permanência de TODOS OS ALUNOS nela, independentemente de suas particularidades. Sob o ponto de vista prático, a educação inclusiva garante a qualquer criança o acesso ao Ensino Fundamental, nível de escolaridade obrigatório a todo cidadão brasileiro. (Carneiro, 2007, p. 29).

Fazendo uma digressão histórica de pessoas com necessidades especiais na antiguidade iremos encontrar essas pessoas excluídas do convívio com o seu meio. Eram estigmatizadas, consideradas a degeneração da raça humana e muitas vezes foram eliminadas, pois, causavam transtorno para a sociedade. Em Esparta, por exemplo, as crianças malformadas ou deficientes eram sacrificadas.

Na Idade Média as pessoas com necessidades especiais continuaram a sofrer. Mesmo com o cristianismo a ignorância com o qual essas pessoas tiveram que conviver se manifestou de maneira errônea, pois havia uma tolerância e caridade, elas deveriam ficar segregadas, recebendo alimentação e moradia.

A mitologia, a bruxaria e o espiritismo, nos séculos XVI e XVII, afetou a visão da deficiência, as pessoas diferentes do que era considerado normal, sofreram perseguições, julgamentos morais e foram encarcerados devido a essas concepções fanáticas e mitológicas.

O autor Fonseca (1995) descreve que durante o período da Revolução Francesa houve mais investigações sobre as pessoas deficientes, houve um novo período em que atitudes antropológicas e filosóficas visavam uma perspectiva mais humanista em relação aos deficientes.

Mas, foi somente no século XIX que se iniciaram os primeiros estudos científicos da deficiência, tendo uma ênfase para a deficiência mental, assim, o autor Fonseca (1995) por sua importância destaca os estudos de Esquirol, Séguin, Itard, Wundt, Down, Tuke e Dix como trabalhos de interesse global.

Os trabalhos de Binet que trouxeram a criação do conceito da idade mental e de Freud com a psicanálise também vieram contribuir para uma nova visão dessa problemática, trazendo uma compreensão a educação das crianças com deficiência.

Podem-se acrescentar as contribuições de Pestalozzi na área da educação que compreendia a aprendizagem concreta de seus alunos a partir de suas experiências práticas, de seus conhecimentos preexistentes para o novo, partindo das percepções dos objetos mais do que das próprias palavras, pois a ênfase era no desenvolvimento das habilidades e dos valores, diferentemente das outras escolas que priorizavam o conteúdo. Seus ensinamentos partiam da boa interação e cooperação entre aluno e professor, não aplicava castigos e tinha um profundo afeto por seus alunos.

Quando se observa a história do ensino e aprendizagem da arte no Brasil, percebe-se que muitas de nossas ações estão demarcadas pelas concepções de cada época e são elas que acabam direcionando nossas ações educativas, pois nossa concepção de mundo, do meio orientam as relações que estabelecemos entre as aulas de arte.

O ensino das artes na Lei de Diretrizes de Base (LDB) descreve a obrigatoriedade do mesmo, no ensino fundamental e no médio, (porém algumas escolas incluem as artes apenas numa das séries de cada um desses níveis) representando uma parte conquistada decorrente da luta política e conceitual dos profissionais da área que conseguiram mostrar que a Arte é área do conhecimento, que possui um campo teórico específico.

Muitas vezes a arte é entendida apenas como técnica, materiais, lazer, liberação de impulsos reprimidos, processo intuitivo, entre outros.

O ensino e aprendizagem da arte têm suas raízes em uma pedagogia tradicional, na qual predominava uma teoria clássica, com reproduções de modelos que seriam fixados através da repetição, buscando sempre o realismo e a destreza motora do indivíduo. Nesse culto à beleza clássica toma-se a representação fiel dos cânones, das proporções, do contorno, das formas, da habilidade de reproduzir os padrões clássicos. Essas habilidades manuais e de precisão são ainda muito valorizados mostrando uma visão utilitarista da arte.

Este conceito, este culto à beleza vem com a criação da Academia Imperial de Belas-Artes no Rio de Janeiro, em 1816, que procurava atender uma expansão industrial que perpetuou até a séc.XX, neste sentido de técnica para o trabalho.

A autora Reily (2010), explica que:

Historicamente, a literatura mostra que ocorre um certo menosprezo pela capacidade de aprendizagem e criação dos alunos com deficiência. A ênfase dos programas recai sobre o treinamento e a ocupação, com ensinamento de habilidades. Quando contempladas no programa educacional de alunos com deficiência, as linguagens artísticas (música e artes plásticas) foram trabalhadas durante muito tempo no viés da higiene mental, como atividades de compensação sensorial ou de ocupação manual, seguindo modelos utilizados em instituições de alienados. (REILY 2010, p. 231).

As escolas costumavam trabalhar o desenho do natural e o desenho geométrico, centradas nas representações convencionais de imagens, no realismo, trabalhando também os conteúdos de proporção, perspectiva, luz e sombra, composição, como até hoje alguns professores insistem nestas abordagens.

Não que isto não se faça necessário, mas não da forma como era trabalhado, pois o conhecimento centrado apenas no professor torna-se autoritário e não produz autonomia do aluno, os conteúdos tornam-se verdades absolutas, sem questionamentos por parte dos alunos. Desta forma torna o conhecimento apenas técnico, com conteúdos reprodutivistas, deixando de ser um conjunto de meios e procedimentos que viabilizem a expressão, a capacidade de criação e autonomia do aluno.

Contra-pondo-se a este histórico educacional surge a Pedagogia Nova que procura aproximar o cotidiano do aluno aos conteúdos da sala de aula. Os processos de desenvolvimento do aluno passam a fazer parte da prática pedagógica.

As propostas lançadas em sala de aula têm como objetivo proporcionar motivação, levando em consideração os interesses dos alunos e sua espontaneidade.

As aulas de arte passam ter influência por uma orientação com base na Psicologia Cognitiva, na Psicologia e na Teoria da Gestalt. A Psicologia Cognitiva atendia a parte das experiências individuais e um entendimento sensível do entorno, a Psicologia cuidava da expressão, da revelação das emoções e pela Teoria da Gestalt encarregava-se da análise dos elementos nas obras artísticas e da percepção.

Neste momento o ensino de arte tem um direcionamento para o desenvolvimento natural dos alunos, que procura respeitar suas necessidades valorizando suas formas de expressão e entendimento do mundo, em consequência disto as aulas propõem um espaço de invenção, de descobertas, auto expressão, criando desta forma uma autonomia dos alunos em seus trabalhos.

Pensando uma educação inclusiva, os pioneiros das primeiras décadas do século XX direcionados as pessoas com deficiência foi a psicóloga e educadora Helena Antipoff, responsável por instituir em 1932, em Belo Horizonte, a Sociedade Pestalozzi, no qual valorizava a criatividade e a arte na educação especial. Martins apud Oliveira (2010) explica que:

É, também, sob a influência do escolanovismo, que as pessoas que apresentam necessidades especiais foram incluídas no ensino da arte, destacando-se o trabalho das escolas especializadas como a APAE e a Sociedade Pestalozzi. (MARTINS apud OLIVEIRA, 2010, p 257).

Tem-se também uma Pedagogia Libertadora, que surge em meados dos anos de 1961 e 1964, por Paulo Freire, que objetiva uma transformação da prática social das classes populares, criando uma nova prática de alfabetização de adultos, lutando para uma libertação das classes menos favorecidas, criando uma perspectiva da consciência crítica da sociedade.

Freire (1996) diz:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 33).

Nos anos 60 e 70 aparecem os nomes de Cecília Conde², no campo da música, Ilo Krugli³, no teatro e Maria Fux⁴, na dança, que trabalharam com grupos de pessoas com deficiência.

Na década de 70, há uma preocupação com a formação profissional, pensando em preparar não somente os ditos “normais” (termo incorreto, pois deve-se dizer; pessoas com ou sem deficiência), mas as pessoas com deficiência, a escola assume o papel de preparar seus alunos para o mercado de trabalho produtivo. Nesta mesma época, é implementada a política de integração nas escolas brasileiras, no qual insere alunos com necessidades especiais no ensino comum, porém mantém o mesmo olhar, pois separam os alunos com necessidades especiais, dos alunos sem deficiências nas famosas “classes especiais”.

A autora Oliveira (2010) explica que:

Esse pensar da escola para a normalidade está pautado no discurso racionalista, no qual a escola constitui-se no espaço privilegiado de transmissão e difusão do conhecimento erudito/científico, valorizando-se o uso da razão como um domínio do saber-fazer técnico. Os saberes das experiências de vida, a afetividade e a sensibilidade são secundarizados no processo ensino-aprendizagem. (OLIVEIRA, 2010, p. 256).

Dentro deste mesmo período houve a política de integração nas escolas do nosso país, que inseria alunos com necessidades especiais educacionais no ensino regular, porém ficavam separados dos outros colegas ditos “normais” nas classes especiais.

² Compositora e diretora musical

³ Foi um dos pioneiros no Brasil em arte-educação realizando experiências inovadoras com crianças, jovens e adultos na Escolinha de Arte do Brasil. Fundador do grupo de Teatro “Ventoforte”.

⁴ Conceituada bailarina argentina, desenvolveu um trabalho em “Dançaterapia” com o público não-ouvinte.

Somente no ano de 1971 com a Lei 5692, a arte é incluída no currículo escolar intitulada de “Educação Artística”, mas não era considerada disciplina e sim uma atividade educativa (Brasil,1997).

Nos anos 80 (1987) a proposta ou metodologia triangular difundida por Ana Mae Barbosa se propagou por todo o Brasil como uma proposta pedagógica integradora que trabalha os conhecimentos em arte a partir do fazer artístico, da leitura de imagens e da História da Arte. Barbosa (1991) fala que:

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura. (BARBOSA 1991, p. 35).

Na década de 90 as conquistas estabelecidas na Constituição Federal do Brasil de 1988, no qual afirma a igualdade de condições de acesso e permanência na escola de todo o cidadão, destaca o dever do Estado com a educação garantindo o ensino fundamental e gratuito para todos, abrangendo também pessoas que não tiveram acesso na idade própria e atendimento com ensino especializado as pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

O ensino da Arte-Educação vem sofrendo mudanças como a autora Barbosa (2008b) descreve em seu texto dizendo que:

Até o início dos anos 80 o compromisso da Arte na Escola era apenas com o desenvolvimento da expressão pessoal do aluno. Hoje, à livre- expressão, a Arte-Educação acrescenta a livre-interpretação da obra de Arte como objetivo de ensino. (BARBOSA, 2008b, p. 17).

A autora completa dizendo que somente um saber informado e consciente viabiliza a aprendizagem em arte, e que hoje o ensino da mesma, não pretende somente desenvolver a sensibilidade, “mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte.” (BARBOSA, 2008b, p. 17).

Em pleno século XXI ainda não se consegue atingir resultados satisfatórios quanto ao ensino de qualidade desses alunos com necessidades educacionais especiais na escola comum, pois há evasão desses alunos das escolas que migram para as escolas especiais. Pois, reafirma-se novamente que a educação inclusiva gera mudanças na escola e exige mudanças políticas que estão sendo implementadas lentamente.

6.2 Desafios da Escola Atual Frente à Inclusão Escolar

Aprender a aprender é possível também nos deficientes. Por mais condições adversas que se levantem, o organismo humano é um sistema aberto e sistêmico e, como tal, a inteligência só pode ser concebida como um processo interacional, flexível, plástico, dinâmico e auto-regulado. (FONSECA, 1995, p. 73).

Hoje se fala muito em “educação para todos”⁵, porém o ensino de baixa qualidade deixa lacunas na educação. É necessário assumir o compromisso de melhorar o ensino em sala de aula, priorizar a qualidade de educação, mas para isto é preciso se desvincular dos modelos tradicionais de organização escolar, principalmente no que diz respeito à inclusão de alunos com necessidades especiais educacionais.

As leis educacionais ainda estão distantes de se tornarem inclusivas, isto é, abertas para todas as crianças indistintamente, pois o que se tem no espaço escolar, muitas vezes, são apenas projetos de inclusão, que, infelizmente, possuem um mesmo enquadramento da velha escola regular, no qual alunos com necessidades especiais educacionais ficam separados, como nas antigas salas especiais, ou em salas de recursos, não atendendo as necessidades reais desses alunos, que deveriam estar com os colegas que não possuem deficiências.

Algumas escolas quando não atendem alunos com necessidades educativas especiais, justificam sua atitude com o despreparo do seu corpo docente, mas há escolas que não acreditam nesta inclusão, especialmente quando o aluno tem uma deficiência mais grave, pois pensam que o mesmo não teria condições de acompanhar o ritmo da sala de aula. Este pensar se justifica quando se vê uma escola que propõe ao seu aluno que se adapte ao ensino da escola, e sabe-se que, quando se fala de inclusão deve-se ter uma escola que procure atender as diversidades das necessidades de seus alunos.

A escola tem o compromisso com uma educação que deve possibilitar ao aluno sua inserção no mundo social, científico e cultural independentes de padrões de normalidades, de ser deficiente ou não.

Sabe-se que alunos com necessidades especiais requerem um pouco mais de atenção e atendimento especializado, mas isto não condiciona a serem colocados de lado, a serem excluídos das atividades de sala de aula. Deve-se pensar em adaptações, no qual todos se sintam inseridos e participantes da aula, propiciando um ambiente acolhedor e de aprendizagem para todos.

⁵ Ministério da Educação, iniciativa privada e organizações não governamentais entre outros.

Este é um dos desafios a serem enfrentados, pois quando se fala de inclusão de alunos com necessidades especiais educacionais, nosso olhar já está pré-julgando suas potencialidades, pensando que serão incapacitados, impossibilitados de realizar tarefas mais complexas, de criar ou resignificar imagens, no caso das artes, pois algumas vezes, já estabelecemos estes conceitos. Oliveira (2010) fala que:

Consideramos que, na medida em que os graduandos e/ou professores que atuam com o ensino de artes na escola básica tiverem mais acesso a estudos que discutem questões referentes ao desenvolvimento e ao trabalho pedagógico, podem se desfazer algumas visões preconcebidas sobre as potencialidades de ação educativa e de desenvolvimento desses alunos. (OLIVEIRA, 2010, p. 240).

Uma escola bem estruturada, que traga novas alternativas de ensino e práticas pedagógicas que pensem na individualidade dos alunos com e sem deficiência conseguiria tornar possível um ensino e aprendizagem de qualidade. Não se está falando de algo fácil, mas também não é impossível uma escola que viabilize condições para que os alunos possam ter uma participação mais ativa e participativa dentro de nossa sociedade.

Sabe-se que a escola trabalha na lógica da homogeneidade, nivelando e tornando uniforme o ensino, fazendo com que os alunos se adaptem ao sistema. Em um ensino baseado na heterogeneidade, as diferenças individuais entre os alunos não apenas são reconhecidas e aceitas, como ajudam a construir uma abordagem pedagógica, no qual não há lugar para as exclusões, pois há o respeito pelas diferenças e necessidades de cada indivíduo, buscando desenvolver as potencialidades de cada aluno, através de um ensino e aprendizagem individualizada, no respeito ao seu ritmo, ao seu tempo e as suas características.

Vive-se em uma sociedade de diversidade e heterogeneidade, por isto, deve-se aplicar em sala de aula um ensino que inclua essa diversidade. Um sistema que dialogue com as diversas culturas e com o seu meio para que possam auxiliar no aprendizado das crianças com necessidades educacionais especiais, pois este percurso de ensino e aprendizagem irão orientar o professor sobre o tempo necessário para o aprender e o fazer desses alunos.

O ensino de artes no âmbito da inclusão está em pleno processo. Tem-se pouco material de pesquisa no que se refere ao ensino de artes relacionado aos alunos com necessidades educacionais especiais. Há poucas referências e como nos diz Reily (2010):

Em termos de música e artes visuais, são raras as referências históricas sobre a prática dessas áreas curriculares para pessoas com deficiências intelectuais ou físicas. Diferentemente do que aconteceu com relação à produção plástica de pacientes psiquiátricos, que mobilizou tanto profissionais da saúde quanto artistas, gerando uma quantidade enorme de trabalhos científicos, obras de divulgação, bem como exposições e montagens de acervos no mundo todo, os trabalhos realizados

por pessoas deficientes institucionalizadas foram praticamente desconsiderados. (REILY, 2010, p. 230)

Conforme Reily os profissionais que construíram um repertório de trabalho consistente em arte na educação especial tem suas origens no cenário dessas instituições especializadas, instituições estas que trabalham com alunos com deficiências variadas e que possuem uma estrutura pautada na atuação de uma equipe multidisciplinar, com profissionais tais como: fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos e outros, construindo um conhecimento que busca considerar as necessidades de cada indivíduo, trabalhando com integração cultural, linguagem, construção de materiais pedagógicos, salas de informática, salas de música e etc.

Estas escolas podem servir como exemplo, sabe-se que cada indivíduo possui suas características e a instituição escolar deve procurar adaptar esses exemplos para a situação no qual vivenciam, para que se possa aproveitar da melhor forma estes conhecimentos.

A inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no contexto do cotidiano de nossas salas de aula fará com que o professor faça modificações, ajustes e adaptações nas suas concepções pedagógicas. Ele deverá estar atento à organização do ambiente de aprendizagem, pensar se a sua didática condiz com o ritmo de aprendizagem de seus alunos, sobre sua rotina em sala de aula e tudo aquilo que poderá influenciar no ensino e aprendizagem desses alunos.

Tudo isto deverá ocorrer com a cooperação de todo corpo docente escolar e se necessário; com a ajuda de outros especialistas, participando deste momento de mudanças na escola comum.

Outro desafio transcorre em paralelo ao meio escolar, como por exemplo, os lugares nos quais são apresentadas as exposições de arte. Deve haver uma preocupação no atendimento de pessoas com necessidades educativas especiais.

A autora Oliveira (2010) explica no decorrer de seu texto que:

A ampliação das possibilidades de acesso desses sujeitos às obras artísticas produzidas em diversas linguagens demanda um investimento na redefinição do público para o qual são orientadas as exposições de artes plásticas, a produção musical e literária, a dança e o teatro, bem como o enfrentamento do desafio de se identificarem as formas mais apropriadas de contato e possibilidades de fruição para pessoas com deficiências diferenciadas. Ações articuladas e planejadas com essa finalidade não se produzem sem a definição de políticas na área cultural. OLIVEIRA (2010, p. 252).

As instituições devem estar mais atentas para este público de alunos com necessidades especiais, pois cada vez mais será exigido das escolas, dos museus, dos espaços urbanos, as

mesmas oportunidades e condições de acesso, para que os mesmos possam usufruir de cultura, de educação viabilizando o convívio social que todo o ser humano tem por direito.

O autor Fonseca enfatiza sobre o fator da integração dos alunos com deficiência estarem cada vez mais cedo em contato com os alunos não deficientes, pois as mesmas são aceitas mais rapidamente quando são mais jovens. E continua dizendo que:

A integração implica sempre um benefício imediato educacional e social para a criança deficiente. A integração na comunidade passa pela integração no sistema educacional (FONSECA, 1995, p. 196).

Esta nova escola inclusiva que começa a ser construída em nossa sociedade é uma escola que precisará passar por desafios, começando pelas práticas discriminatórias, um exemplo disto, é pensar que os alunos com deficiência são ensinados de forma diferente dos alunos que não são deficientes, ou em casos ainda piores, que acontece dos professores ensinarem um conteúdo diferente para os alunos com deficiência dos sem deficiência.

Esses desafios exigem uma negação da homogeneidade, da padronização da aprendizagem, é sairmos da zona de conforto, procurando a melhor forma de ensino e aprendizagem para todos os alunos.

Para se construir uma escola inclusiva, é necessário que toda a comunidade escolar trilhe o mesmo caminho, estando aberta às novas propostas, adotando uma nova gestão escolar participativa e colaborativa para que a mesma possa experimentar novas alternativas de ensino.

6.3 ACESSIBILIDADE: Materiais Didáticos e Ferramentas

“... a educação inclusiva vem exigindo a revisão de conceitos e práticas decorrentes, no sentido da valorização do sujeito, não mais no papel de paciente, mas sim como ator da própria (re)habilitação”. (NUNES e SOBRINHO, 2010, p. 271).

Acessibilidade é estritamente necessária para que pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida obtenham condições para o exercício de sua autonomia, para que possam usufruir do seu direito de ir e vir. E não somente isto, pois acessibilidade envolve o direito à disponibilidade de comunicação, de conteúdo e apresentação da informação em formatos alternativos e de eliminação de barreiras arquitetônicas.

Nunes e Sobrinho (2010, p. 269) explicam que no começo dos anos 80 um movimento liderado por pessoas com deficiência, problematizou a questão da acessibilidade, provocando reflexões na sociedade sobre as barreiras físicas e arquitetônicas das cidades.

Na década de 90 o conceito de acessibilidade foi ampliado, fazendo parte deste cenário não apenas deficientes com limitações motoras, mas também com outros tipos de deficiências, sendo assim denominadas as barreiras de comunicação e de transporte.

No final desta mesma década este conceito muda de denominação para “desenho universal”.

Conforme os autores:

O desenho inclusivo ou desenho universal pode ser conceituado como um conjunto de ideias, procedimentos e práticas geradoras de espaços, ambientes, serviços, produtos e tecnologias acessíveis, utilizáveis de forma igualitária, segura e autônoma por todas as pessoas, na maior extensão possível, independentemente das suas capacidades, habilidades e medidas antropométricas, e sem que tenham que ser adaptados ou readaptados especificamente para cada um. (NUNES e SOBRINHO, 2010, p. 270).

No início do século XXI este conceito vai além das barreiras da sociedade, pois é direcionado para o direito de ingressar, de permanecer e de utilizar bens e serviços sociais, que são direitos de toda a população deficiente ou não.

Nunes e Sobrinho (2010) falam também sobre a acessibilidade às tecnologias da informação e exemplificam, falando de pessoas com limitações motoras é necessária a disponibilização de periféricos, tais como, teclados virtuais, mouse adaptados, softwares com comando através de voz, entre outros. Tecnologias essas que ajudam o acesso à informação e formação desses usuários.

Coloca-se também que o referencial teórico herdado do modelo médico, ressalta as tecnologias como suporte à atuação médica e da reabilitação, concentrando-se na doença. Porém, hoje, a reabilitação só tem sentido quando orientada para a vida independente e para a inclusão.

Os autores citam algumas dessas tecnologias da informação (TI) tais como: o software como o leitor de tela “Jaws”, desenvolvido nos Estados Unidos, assim como o “DosVox” criado pelo professor Antônio Borges da UFRJ, para os deficientes visuais, este com a disponibilidade de ser baixado sem custo através da rede. Tem-se ainda o “Motrix” também desenvolvido na UFRJ, possibilitando que pessoas com paralisia cerebral operem o computador com comando de voz.

Vê-se que para as pessoas com deficiência ou necessidades especiais terem uma qualidade de vida que possibilite a sua independência, exige que outros profissionais estejam integrados e façam suas pesquisas diretamente com as pessoas que necessitam desses aportes, porque será a voz sobre as dificuldades que esclarecerá e ajudará na construção de materiais pedagógicos, da construção arquitetônica, de programas tecnológicos que viabilizem o acesso e a integração dessas pessoas no convívio social.

Há outras modalidades de ajuda técnicas ou tecnologias assistivas desenvolvidas em Portugal, que auxiliam pessoas com dificuldades de aprendizagem, deficiência mental, dislexia, como por exemplo, “Escrevendo com símbolos”: um processador integrado de textos e de símbolos para crianças e também para adultos com dificuldades na utilização de texto, contribuindo para a autonomia do usuário facilitando a aquisição de competências básicas, sendo um auxiliar de comunicação e expressão. Outro exemplo é o “Aventuras 2”: um ambiente virtual de aprendizagem interativo inclusivo, que pretende favorecer o desenvolvimento das competências da escrita e leitura, trabalhando no auxílio de crianças com deficiência mental e dislexia.

A autora Passerino (2011) comenta que no senso comum, costuma-se considerar Tecnologia Assistiva aos equipamentos ou até mesmo os recursos utilizados para assistir funcionalmente uma pessoa com deficiência, mas esta conceituação é mais ampla, pois é uma área do conhecimento multidisciplinar, na qual se desenvolvem pesquisas, produtos, processos e serviços na promoção da qualidade de vida e inclusão na sociedade de pessoas com qualquer tipo de deficiência.

A autora também destaca o pensamento de Vygotsky:

Vygotsky defendia um estudo qualitativo das crianças com deficiência, afirmando o “defeito” não produz uma criança menos desenvolvida, mas uma criança que se desenvolve de outra maneira. Para Vygotsky, o estudo da deficiência não pode limitar-se a estudar e classificar defeitos ou distúrbios e sugerir métodos paliativos, mas incluir na sua esfera de pesquisa o fenômeno completo, a partir do qual se cria um contexto único de desenvolvimento para cada pessoa. (PASSERINO, 2011, p. 71).

Refletindo sobre tudo isto, a produção de materiais didáticos em sala de aula que favorecem o ensino e aprendizagem, tais como elaboração de livros, textos e ferramentas que possibilitem a interação com a atividade proposta pelo educador, facilitaria muito aos alunos com necessidades especiais educativas, porém deve haver um cuidado para que os mesmos sejam testados e se necessário aperfeiçoados, conforme as necessidades de cada aluno, pois desta forma, prestarão um bom serviço aos professores e alunos.

Passerino (2011) nos lembra de que para Vygotsky, as leis de desenvolvimento humano são para todas as pessoas, desta forma o que se deve considerar é não somente as limitações das pessoas, mas o potencial de desenvolvimento da mesma a partir da exploração de meios pedagógicos que levem em consideração esse contexto. E explica:

Vygotsky se opunha a uma visão terapêutica reabilitadora da educação focada no indivíduo como devendo ser “normalizado”, adaptado à sociedade. Pelo contrário, para Vygotsky a educação especial não deveria se concentrar no indivíduo, no defeito orgânico, mas nas suas potencialidades, nas suas possibilidades de superação, e na adaptação dos sistemas sociais, entre eles, escola, família, e sociedade em geral de forma a produzir mudanças culturais que possibilitem o desenvolvimento dos indivíduos. (PASSERINO, 2011, p. 72).

Conforme a autora Miranda (2010) quanto às barreiras é necessário que a liderança escolar apoie projetos verdadeiramente inclusivos, que haja planejamento, que se tenha desejo de expandir os conhecimentos, que se tenha acesso aos materiais e aos recursos humanos e que se deve saber trabalhar em parcerias. Assim pode-se criar um projeto educativo que se preocupa com a diversidade, “... entendida como todo conjunto de diferenças individuais que os alunos apresentam, não esquecendo a significância dessa diferença” (MIRANDA, 2010, p. 299).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se que não são simples os procedimentos e ações pedagógicas para se construir uma escola inclusiva. Para isto é necessário muito trabalho e empenho cooperativo, no qual toda a comunidade escolar esteja envolvida e disposta a assumir o compromisso com seus alunos propiciando um atendimento especializado, um ambiente de valorização, autonomia, construindo um ensino e aprendizagem de qualidade.

Além disto, acredita-se que é necessário buscar uma interação com outros profissionais, outras especialidades para que troquem experiências através das discussões de casos de alunos, possibilitando assim uma intervenção mais eficaz para a melhoria do ensino e aprendizagem dentro do espaço escolar.

Em vista disso, pensa-se que, o sucesso da inclusão de alunos com necessidades especiais depende das possibilidades de se conseguir progressos significativos, por meio da adequação das práticas pedagógicas, das intervenções e dos processos de ensino e aprendizagem que perpassam, tanto pelo discente como pelo docente, ambos coparticipantes e corresponsáveis pelo processo de desenvolvimento.

Verifica-se que os meios e os processos que a arte utiliza podem funcionar como disparadores, como dispositivos à interação e a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais mostrando todo potencial, expressividade, habilidade e capacidade de articular a percepção e a cognição através de diferentes linguagens artísticas, especialmente a linguagem de Artes Visuais envolvendo novas tecnologias, que pode vir a se tornar uma eficiente ferramenta de aprendizagem e de superação dos preconceitos.

Barbosa (2008a) comenta que:

Rudolf Arnheim foi um dos expoentes da ideia de Arte para o desenvolvimento da cognição. Sua percepção baseia-se na equivalência configuracional entre percepção e cognição. Para ele perceber é conhecer. (BARBOSA 2008a, p. 17)

A arte permite um desenvolvimento do processo criativo aliado à aprendizagem dos alunos criando condições e acesso a diferentes linguagens artísticas, e levando a descobrir novos caminhos de aprendizagem. Neste sentido entende-se como Duarte Jr. (2003, p. 23) que: Aprender não é decorar. Aprender é um processo que mobiliza tanto os significados, os símbolos, quanto os sentimentos, as experiências a que eles se referem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

_____. **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais.** 2º ed. São Paulo: Cortez, 2008a.

_____. (Org). **Inquietações e mudanças no ensino de arte.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008b.

BAPTISTA, Cláudio Roberto; CAIADO, Katia Regina Moreno; JESUS, Denise Meyrelles de (Org). **Educação Especial: Diálogo e Pluralidade** 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

BRAGA, Simone da Silva; SCOZ, Beatriz Judith Lima; MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi. **Problemas de Aprendizagem e suas Relações com a Família.** Psicopedagogia: Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia. São Paulo, v. 24, n. 74, ago. 2007. P. 149-159.

BRASIL. Constituição, 1988.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMARGO, Luís. **Arte-educação: da pré-escola à universidade.** São Paulo: Nobel, 1989.

CASARIN, Nelson Elinton Fonseca; RAMOS, Maria Beatriz Jacques. **Família e Aprendizagem Escolar.** Psicopedagogia: Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia. São Paulo, v. 24, n. 74, ago. 2007. P. 182-201.

CARNEIRO, Moaci Alves. **O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns: possibilidades e limitações.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

DUARTE Jr, João Francisco. **Por que arte-educação?** – 14ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

FONSECA, Vitor da. **Educação Especial: Programa de Estimulação Precoce – Uma Introdução às Ideias de Feuerstein – 2ª ed. Ver.aumentada –** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

FRANGE, Lucimar Bello P. **Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões?** BARBOSA, Ana Mae (Org). **Inquietações e mudanças no ensino de arte.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008. P. 35-47.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente - A Teoria das Inteligências Múltiplas.** Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. Howard. **Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática.** Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

IABELBERG, Rosa. **Para Gostar de Aprender Arte: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre: Artemed, 2003.

MIRANDA, Theresinha Guimarães, **Acessibilidade da pessoa com deficiência para a construção de uma escola inclusiva: o currículo e a interação.** In: BAPTISTA, Claudio Roberto; CAIADO, Katia Regina Moreno; JESUS, Denise Meyrelles de (Org). **Educação Especial: Diálogo e Pluralidade** 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. P. 291-301.

NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula; SOBRINHO, Francisco de Paula Nunes, **Acessibilidade.** In: BAPTISTA, Claudio Roberto; CAIADO, Katia Regina Moreno; JESUS, Denise Meyrelles de (Org). **Educação Especial: Diálogo e Pluralidade** 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. P. 221-238.

PASSERINO, Liliana M., **Salas de Recursos, Tecnologias Assistivas e Processos de Inclusão Escolar a partir da perspectiva sócio-histórica.** In: MORAES, Salete Campos de (Org). **Educação Inclusiva: diferentes significados** 1ª ed. Porto Alegre: Evangraf, 2011. P. 67-77.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **História, arte, educação: a importância da arte na educação inclusiva.** In: BAPTISTA, Claudio Roberto; CAIADO, Katia Regina Moreno; JESUS, Denise Meyrelles de (Org). **Educação Especial: Diálogo e Pluralidade** 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. P. 255-266.

OSTROWER, Fayga. **Universos da arte.** 24ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

RANGEL, Annamaria Pífero et al (Org). **Teoria Pedagógica do CAEF da UFRGS: fundamentos do método empregado para a rede de formação continuada de professores.** Porto Alegre: UFRGS, 2005.

REILY, Lucia. **História, arte, educação: reflexões para a prática de arte na educação especial.** In: BAPTISTA, Claudio Roberto; CAIADO, Katia Regina Moreno; JESUS, Denise Meyrelles de (Org). **Educação Especial: Diálogo e Pluralidade** 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. P. 221-238.

UNESCO, **Orientações para a Inclusão: Garantindo o Acesso à Educação para Todos.** Tradução de Maria Adelaide Alves e Dinah Mendonça. Paris, 2005.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Sites Consultados:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=person_alidades_biografia&cd_verbete=713&cd_item=20, acessado em 02 de janeiro de 2013.

http://www.spescoladeteatro.org.br/enciclopedia/index.php/Ilo_Krugli, acessado em 02 de janeiro de 2013.

http://www.dancaterapia-dmt.com.br/quemsomos_fux.htm, acessado em 02 de janeiro de 2013.